

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

FERNANDA LAIR ZUCONELLI MACHADO DA SILVA

**CULTURA E POLISSISTEMA LITERÁRIO NAS TRADUÇÕES PARA O
INGLÊS DE *RELATO DE UM CERTO ORIENTE* DE MILTON HATOUM**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

PATO BRANCO

2023

FERNANDA LAIR ZUCONELLI MACHADO DA SILVA

CULTURA E POLISSISTEMA LITERÁRIO NAS TRADUÇÕES PARA O INGLÊS DE *RELATO DE UM CERTO ORIENTE* DE MILTON HATOUM

Culture and literary polysystem in the English translations of Milton Hatoum's *Relato de um certo Oriente*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL), da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – Campus Pato Branco, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras. Área de Concentração: Literatura, Sociedade e Interartes.

Orientadora: Profa. Dra. Mirian Ruffini.

PATO BRANCO

2023



[4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

Esta licença permite compartilhamento, remixe, adaptação e criação a partir do trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que sejam atribuídos créditos ao(s) autor(es). Conteúdos elaborados por terceiros, citados e referenciados nesta obra não são cobertos pela licença.



Ministério da Educação
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Campus Pato Branco



FERNANDA LAIR ZUCONELLI MACHADO DA SILVA

CULTURA E POLISSISTEMA LITERÁRIO NAS TRADUÇÕES PARA O INGLÊS DE RELATO DE UM CERTO ORIENTE DE MILTON HATOUM

Trabalho de pesquisa de mestrado apresentado como requisito para obtenção do título de Mestra Em Letras da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Área de concentração: Linguagem, Cultura E Sociedade.

Data de aprovação: 27 de Março de 2023

Dra. Mirian Ruffini, Doutorado - Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Dra. Camila Paula Camilotti, Doutorado - Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Dra. Juliana Steil Tenfen, Doutorado - Universidade Federal de Pelotas (Ufpel)

Dra. Mariese Ribas Stankiewicz, Doutorado - Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Documento gerado pelo Sistema Acadêmico da UTFPR a partir dos dados da Ata de Defesa em 27/03/2023.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, a minha razão de ser e existir, e que me conduziu até aqui.

Ao meu melhor amigo e esposo, Natanael, que se fez presente nos bons e maus momentos e nunca me deixou desistir, sendo, como sempre, minha torre forte.

À minha orientadora, professora Dra. Mirian Ruffini que, para além de estar presente em todas as horas, organizou e conduziu minhas ideias, e desde a graduação, colabora para a minha jornada acadêmica de maneira incalculável.

À professora Dra. Mariese Stankiewicz que graciosamente aceitou fazer parte da minha banca, e mais uma vez, cooperou para o aperfeiçoamento da minha jornada acadêmica.

À professora Dra. Juliana Steil Tenfen que gentilmente aceitou participar das bancas de qualificação e defesa, e contribuiu com perspectivas relevantes para as decisões da pesquisa.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Letras, da UTFPR – Câmpus Pato Branco, pelas aulas e experiências.

A todos os professores e amigos que de alguma forma cooperaram positivamente nesta caminhada, muito obrigada!

*“E nessa tentativa desesperada de compreender
o outro, como compreender a si mesmo?”*

Milton Hatoum
Relato de um certo Oriente
1989

RESUMO

SILVA, Fernanda L. Z. M. da. **Cultura e polissistema literário nas traduções para o inglês de *Relato de um certo Oriente* de Milton Hatoum**. 2023. 94 f. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Letras – Literatura Sociedade e Interartes. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Pato Branco, 2023.

Este estudo tem por objetivo analisar os elementos culturais nas traduções para o inglês de *Relato de um certo Oriente* de Milton Hatoum, considerando os aspectos pertinentes ao posicionamento das obras traduzidas em seus polissistemas, e ainda, a perspectiva dos Estudos Culturais e dos Estudos da Tradução. Para o desenvolvimento deste objetivo, primeiramente exploraram-se as marcas culturais representadas no texto com enfoque na busca de identidade da narradora protagonista por meio da ressignificação das imagens culturais da cidade de Manaus. Em seguida, investigou-se a recepção das obras traduzidas em seus polissistemas literários, sendo o primeiro texto alvo *The tree of the Seventh Heaven*, que foi traduzido por Ellen Watson e publicado em 1994 nos Estados Unidos. O segundo texto alvo analisado foi a revisão realizada por John Gledson e publicada em 2004 no Reino Unido, intitulada *Tale of a Certain Orient*. Posteriormente, realizou-se análise a fim de verificar as formas de transposição dos aspectos culturais e linguísticos do léxico referente aos espaços da cidade no sexto capítulo, narrado pela protagonista. O aporte teórico compreende os autores dos Estudos da Tradução, como Itamar Even-Zohar (1990; 2013), Gideon Toury (2012), Lawrence Venuti (2019) e Rafael Lanzetti et al. (2009). Ao término das análises, constatou-se a manutenção de estilo e estrutura sintática em determinadas decisões por parte dos tradutores. Os procedimentos técnicos de tradução domesticadores foram majoritariamente empregados, culminando em textos mais fluentes para os sistemas alvo, porém, distante do texto fonte. Observou-se que algumas decisões dos tradutores apagaram ou modificaram efeitos de sentido pertencentes ao sistema cultural de origem, no que se refere ao eixo temático do espaço da cidade de Manaus representado no texto.

Palavras-chave: *Relato de um certo Oriente*; tradução literária; cultura; polissistema.

ABSTRACT

SILVA, Fernanda L. Z. M. da. **Culture and literary polysystem in the English translations of Milton Hatoum's *Relato de um certo Oriente***. 2023. 94 f. Master Thesis. Programa de Pós-Graduação em Letras – Literatura Sociedade e Interartes. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Pato Branco, 2023.

This study aims to analyze the cultural elements in the English translations of Milton Hatoum's *Relato de um certo Oriente*, considering the relevant aspects of the positioning of the translated works in their polysystems, and also the perspective of Cultural Studies and Translation Studies. To develop this goal, the cultural marks represented in the text were explored with a focus on the protagonist narrator's search for identity through the re-signification of cultural images of the city of Manaus. Next, we investigated the reception of the translated works in their literary polysystems, the first target text being *The tree of the Seventh Heaven*, which was translated by Ellen Watson and published in 1994 in the United States. The second target text analyzed was the revision by John Gledson and published in 2004 in the United Kingdom, entitled *Tale of a Certain Orient*. Subsequently, the analysis was performed in order to verify the forms of transposition of the cultural and linguistic aspects of the lexicon referring to the city spaces in the sixth chapter, narrated by the protagonist. The theoretical contribution comprises the authors of Translation Studies, such as Itamar Even-Zohar (1990; 2013), Gideon Toury (2012), Lawrence Venuti (2019), and Rafael Lanzetti et al. (2009). At the end of the analyses, the maintenance of style and syntactic structure was found in certain decisions by the translators. The technical procedures of domesticating translation were mostly employed, culminating in more fluent texts for the target systems, however, distant from the source text. It was observed that some of the translators' decisions erased or modified meaning effects belonging to the source cultural system, regarding the thematic axis of the city of Manaus space represented in the text.

Keywords: *Relato de um certo Oriente*; literary translation; culture; polysystem.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Procedimentos técnicos de tradução - Lanzetti et al. (2009).....	60
Quadro 2 - Seleção de alguns termos referente ao léxico espaço-cidade	67
Quadro 3 - Excerto 1	68
Quadro 4 - Excerto 2	69
Quadro 5 - Excerto 3	71
Quadro 6 - Excerto 4	71
Quadro 7 - Excerto 5	72
Quadro 8 - Excerto 6	74
Quadro 9 - Excerto 7	74
Quadro 10 - Excerto 8	75
Quadro 11 - Excerto 9	76
Quadro 12 - Excerto 10	77
Quadro 13 - Ocorrências de “sobrado” no capítulo seis - parte 1.....	77
Quadro 14 - Ocorrências de “sobrado” no capítulo seis - parte 2.....	78

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Capa do livro <i>Relato de um certo Oriente</i> , de Milton Hatoum, publicado pela Editora Companhia das Letras em 1989	24
Figura 2 - Capa do livro <i>Relato de um certo Oriente</i> , de Milton Hatoum, publicado pela Editora Companhia de Bolso em 2008	25
Figura 3 - Capa do livro <i>The Tree of the Seventh Heaven</i> , de Milton Hatoum, publicado pela Editora Atheneum Books em 1994	52
Figura 4 - Capa do livro <i>Tale of a Certain Orient</i> de Milton Hatoum, publicado por Bloomsbury Publishing em 2004	53
Figura 5 - Capa do livro <i>Tale of a Certain Orient</i> , de Milton Hatoum, publicado por Bloomsbury Publishing em 2007	54

SUMÁRIO

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS	11
2. OLHARES CRUZADOS	18
2.1 A LITERATURA COMO FORMA DE EXPRESSÃO: MILTON HATOUM.....	18
2.1.1 Relatos dos caminhos de Hatoum	20
2.2 SOBRE O RELATO 'INCERTO'	23
2.3 ALGUMAS PERSPECTIVAS POSSÍVEIS	27
2.4 A IDENTIDADE POR MEIO DA CIDADE – RELAÇÃO DE SEMELHANÇAS	30
3. LITERATURA, CULTURA E TRADUÇÃO	34
3.1 CULTURA E POLISSISTEMA.....	34
3.2 TRADUÇÃO CULTURAL	37
3.3 A ATIVIDADE TRADUTÓRIA.....	41
3.3.1 A atividade tradutória e as relações de poder	45
4.1 THE TREE OF THE SEVENTH HEAVEN	50
4.2 TALE OF A CERTAIN ORIENT	52
4.3 ANÁLISE TRADUTÓRIA.....	55
4.4 SELEÇÃO E DESCRIÇÃO	56
4.4.1 Redes temáticas e cadeia de significantes	56
4.4.2 Procedimentos técnicos da tradução	59
4.4.3 Abordagem descritivista	61
4.5 ELEMENTOS CULTURAIS: ESPAÇO – CIDADE.....	66
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	81
ANEXOS	90
ANEXO A	91

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A literatura abarca aspectos internos e externos que revelam mais do que modos de viver, posicionamentos, crenças ou costumes, mas “corresponde a certas necessidades de representação do mundo” (CANDIDO, 2019, p. 65). As imagens retratadas na literatura revelam, ou ainda, desvendam o desenvolvimento dos sujeitos a partir dos aspectos não apenas intrínsecos à linguagem, mas também, e principalmente, à sociedade e às construções culturais. A partir disso, podem ser apontadas relações entre os Estudos Culturais, que há décadas têm abrangido um vasto campo de análise objetivando examinar as mais distintas culturas e as relações destas com o poder e dominação existentes, a partir de estudos das obras periféricas, e os Estudos da Tradução, que de maneira interdisciplinar revelam os processos e os resultados das transferências, representações e símbolos (linguísticos ou não) dos processos tradutórios, sendo possível que as duas grandes áreas “atuem de forma harmônica e complementar” (COSTA, 2016, p. 21).

Nesse sentido, sabendo que a literatura brasileira ocupa um lugar periférico em termos de representatividade na literatura mundial, se faz importante analisar o olhar do Outro sobre o que é traduzido e levado para outras culturas e a maneira como essa produção ocorre. O processo de tradução é complexo e requer ferramentas para sua análise, investigação e produção. A análise tradutória dispõe de fundamentos teóricos que possuem o intuito de olhar para esse processo não apenas no nível do texto propriamente, mas de abarcar sua história e cultura, apontando não só para o texto e público fonte, mas também para o texto e público-alvo do objeto traduzido.

Milton Hatoum é escritor amazonense e tem seus livros publicados em 14 países e em 16 idiomas. É professor, escritor e tradutor, e suas obras, de modo geral, envolvem cotidianos, experiências pessoais, elementos culturais do Oriente e da Amazônia. O autor é filho de imigrantes libaneses, e as questões que levanta a partir de suas obras estão relacionadas ao contato com o Outro, à necessidade de identificar e reconstruir o passado a partir da memória, e não apenas, mas também, às questões de diferença, tão caras à contemporaneidade.

Sua obra inaugural, objeto desta pesquisa, *Relato de um certo Oriente*, publicado pela primeira vez em 1989, foi traduzido para a língua inglesa pela escritora norte-americana Ellen Watson com o título de *The Tree of the Seventh Heaven* e

publicado em 1994, nos Estados Unidos. A segunda tradução para o inglês foi realizada por John Gledson, por meio de uma revisão da primeira tradução, de e com Watson, e republicada com o título de *Tale of a Certain Orient*, em 2004, no Reino Unido.

No enredo do romance, o autor brasileiro retrata questões de identidade cultural relacionada aos imigrantes libaneses presentes na região de Manaus no século XX e à personagem principal, sem nome, que busca na memória fatos de sua infância quando escreve uma carta para o irmão que está na Espanha. Por meio dessas lembranças, a narradora-testemunha em primeira pessoa, entrelaça à voz de outros quatro narradores e suas histórias depoimentos e relatos que percorrem várias gerações ao longo de aproximadamente oito décadas. A narrativa ritmada de *Relato de um certo Oriente* concentra-se nas interações e relacionamento dos personagens de uma grande família de imigrantes libaneses. No coração da Amazônia, Manaus, ouvimos histórias sobre a chegada do tio ao Brasil no início do século XX; sobre Soraya Ângela, a filha ilegítima de Samara Délia, surda-muda que, em sua breve vida, enfrentou medo e preconceito; sobre o tio Emir e seu passeio no rio que terminou em tragédia; dos diversos conflitos de Hakim com a língua árabe; dos gêmeos inomináveis; do amigo de Dorner, o fotógrafo; e, no centro de toda essa dinâmica imperfeita, encontramos a matriarca Emilie.

Os estudos de Ingenschay (2006), sobre a estética do romance, observam que *Relato de um certo Oriente* “[...] não faz parte das 'melodias perdidas' do Brasil, pois pertencem antes à importante 'literatura regional' que floresce no nordeste do país. E definitivamente não é uma variação dos numerosos 'romances do Amazonas'; nem pertence à complexa e variada literatura da imigração¹” (INGENSCHAY, 2006, p. 173; tradução nossa).

Em *Relato de um certo Oriente*, a referência à tradição oral registra a fluidez entre as culturas árabe e brasileira, e revela questões ligadas à constituição do sujeito, ao hibridismo, ao reconhecimento de si em relação ao Outro, à cultura como construção das sociedades e as influências, imagens, sentidos e representações que produz. Esses aspectos resultam em marcas específicas, e, conseqüentemente, em importantes decisões por parte dos tradutores. Dessa maneira, é relevante investigar

¹ “[...] is not part of Brazil's 'lost melodies', for they rather belong to the important 'regional literature' which flourishes in the North East of the country. And it is definitely not a variation of the numerous 'Amazonas novels'” (INGENSCHAY, 2006, p. 173).

o olhar do Outro, nesse caso os tradutores John Gledson e Ellen Watson, para a literatura gerada no Brasil.

Analisar os intercâmbios culturais por meio das traduções produzidas em dois diferentes continentes e “traduzir” o olhar do Outro a respeito das representações culturais que Hatoum apresenta reflete posicionamentos da cultura de chegada, pois a tradução gera produtos do olhar da cultura de partida. O próprio romance, considerado transcultural por conta dos personagens de diferentes nacionalidades, como imigrantes árabes, marroquinos e judeus ambientados em Manaus, pode demonstrar que “a sociedade receptora da obra traduzida – aquela que normalmente determina o quê e como traduzirá – também recebe destaque e é compreendida como agente importante na produção do significado do texto resultante da tradução” (COSTA, 2016, p. 18).

Nessa perspectiva, é fundamental olhar para “[...] a tradução como um procedimento que não envolve simplesmente a mudança do significado e não vê esse processo como meramente, a substituição do léxico e da gramática da língua A para a língua B [...]” (AGRA, 2013, p. 4), mas compreender que há um processo que também traduz cultura e seus sentidos edificados por autor e tradutor, assim com os pontos de vista e representações.

Desse modo, é também importante olhar para as culturas não como algo fixo e estável, mas como em processo de construção constante, e, como algo que não é puro. Assim,

O entendimento da tradução, envolvendo essa perspectiva, fatalmente, nos conduz a debates que discorrem sobre hibridismo, mas também sobram olhares para as diferenças, as assimetrias, os conflitos. Isso ocorre porque, ao traduzir, olhares são lançados para outra cultura por meio de um cotejo, assim, diferenças e assimetrias são percebidas ou acentuadas, o que, em muitos casos, pode gerar tais conflitos (COSTA, 2016, p. 22).

Ainda nesse âmbito, não podemos afastar o olhar da tradução na perspectiva pós-colonial, vertente dos Estudos Culturais, uma vez que “o pós-colonialismo permite ao tradutor analisar a obra a procura pela transformação dos papéis e dos significados que compõem a história da obra analisada, decifrá-los e localizá-los” (AGRA, 2013, p. 5) e, dessa maneira, o processo tradutório não envolveria unicamente a língua e os aspectos estéticos da obra, mas também o sistema como um todo, incluindo os componentes ideológico, cultural, político e histórico.

Assim, este trabalho justifica-se por poder contribuir para o campo dos Estudos da Tradução, especialmente na área da literatura brasileira traduzida para o inglês. O objetivo geral desta pesquisa, portanto, é analisar e elucidar as negociações e mediações culturais realizadas pelos tradutores para o inglês de *Relato de um certo Oriente*, a partir dos aspectos pertinentes ao posicionamento das obras traduzidas em seus polissistemas e, ainda, aos Estudos Culturais e Estudos da Tradução, considerando que tradução cultural não se limita apenas a costumes ou tradições, mas vai além, representando “reposicionamento” de práticas sociais, políticas, de pessoas e de pontos de vista.

O primeiro objetivo específico deste trabalho é explorar as marcas culturais representadas em *Relato de um certo Oriente* de Milton Hatoum com enfoque na busca de identidade dos personagens emigrantes libaneses em Manaus e na ressignificação desses elementos e imagens, especificamente pela voz da narradora protagonista.

O segundo objetivo específico é investigar a recepção das obras traduzidas em seus polissistemas literários de chegada com o subsídio de paratextos e textos críticos relacionados às traduções.

O terceiro objetivo é verificar as formas de transposição dos aspectos culturais e linguísticos do léxico referente aos espaços da cidade no sexto capítulo nas traduções de Ellen Watson, *Tree of the Seventh Heaven* (1994), e de John Gledson, *Tale of a Certain Orient* (2004).

Na esfera de análise desse estudo, há algumas pesquisas brasileiras que abordam aspectos semelhantes e que trouxeram resultados importantes. Queiroz (2015), em uma investigação no nível linguístico das traduções de *Relato de um certo Oriente*, levantou questões relacionadas às escolhas dos tradutores, Ellen Watson e John Gledson. A partir dos apontamentos de Lawrence Venuti foram analisadas a estrangeirização ou domesticação dos textos traduzidos a partir das decisões tomadas pelos tradutores evidenciando, assim, a visibilidade ou não de cada um deles. Equivalências e empréstimos demonstraram que as traduções são equilibradas, de acordo com Queiroz (2015, p. 175), e que, em decorrência disso a leitura se torna mais fluida, colaborando para duas questões importantes, sendo a primeira, construir-se um caminho mais aceitável para a maior parte das editoras e

ainda, não se ocultar as fortes marcas culturais do ambiente amazonense expressas por Hatoum.

Burguês (2014) investiga a representação de aspectos culturais das obras de Milton Hatoum traduzidas para o inglês, assim como a recepção desses textos em uma vertente desconstrutivista dos Estudos da Tradução. O trabalho conclui que ambas as culturas envolvidas no processo tradutório têm interferência no “fazer-tradutório”. Além disso, a pesquisa observa que aspectos como a “tradução como algo inferior, devedora, e da invisibilidade do tradutor ainda é a predominante”, e o “exotismo ainda é o aspecto mais enfatizado”.

Frizene e Camargo (2010), a partir de uma investigação dos marcadores culturais de *Relato de um certo Oriente* e *The Tree of the Seventh Heaven*, envolvendo os Estudos da Tradução sob uma análise de corpus e domínio cultural, concluíram que, ao mesmo tempo em que o texto de Ellen Watson apresenta marcas culturais amazonenses específicas que não são explicadas de alguma maneira (por nota de rodapé ou glossário), o que facilitaria a leitura para a cultura alvo, também o texto apresenta alguns empréstimos que visam a facilitar a compreensão do leitor.

A pesquisa de Elisa Oliveira Câmara intitulada *O paratexto na tarefa do tradutor: uma análise de elementos paratextuais*² (2014) analisa o papel desempenhado pelos elementos que compõem a obra, sejam eles gráficos, tipográficos, ortotipográficos, ou imagéticos, e a relação destes com textos de partida e chegada de *Relato de um certo Oriente* e suas traduções para o inglês e outras línguas. Este trabalho contribui para compreender o papel da mistura de elementos culturais, e discute especialmente a questão do exotismo e os aspectos ideológicos que acompanham também o background de Milton Hatoum. Exercendo função importante para apresentar a obra e garantindo presença significativa na recepção, os paratextos analisados no trabalho cumprem função de extensão do texto, de acordo com a autora. Câmara (2014) desenvolve uma análise detalhada dos elementos visuais e verbais, assim como seus recursos nos textos de partida e de chegada, fazendo uma relação destes dados com a tarefa do tradutor. O trabalho conclui que alguns dos paratextos refletem os espaços memorialísticos presentes no enredo, e recorre às imagens que refletem o caráter dualista do texto, tanto a natureza ocidental,

² CÂMARA, Elisa Oliveira. **O paratexto na tarefa do tradutor**: uma análise de elementos paratextuais. Dissertação (Mestrado em Língua Aplicada) – Universidade Estadual de Campinas, SP, 2014.

como a tropical do romance. O estudo também discute o cuidado dos projetos editoriais das edições, assim como alguns equívocos nas referências artísticas.

Assim, esta pesquisa contou, portanto, com estudos e teorias do âmbito dos Estudos Culturais e dos Estudos da Tradução, que embasam as análises, as perguntas e as respostas que surgiram ao longo do estudo, e está organizada nas seguintes seções e subseções:

A seção dois, intitulada “Olhares cruzados”, propõe-se a atender o primeiro objetivo específico deste trabalho, e apresenta um panorama do autor, Milton Hatoum, e sua obra. O título da subseção define os encontros que a trajetória do autor o proporcionou, e que culminaram nos diferentes olhares – que se cruzam – e estão refletidos na sua arte. As subseções ampliam a discussão em torno da obra do autor, especificamente em *Relato de um certo Oriente*, a fim de compreender a força e a representação da obra de Hatoum. As duas últimas subseções discutem uma perspectiva das imagens construídas pelos narradores, especificamente a narradora protagonista, e, ainda na perspectiva da narradora, uma discussão a respeito da busca de identidade por meio da descrição dos elementos da cidade, a área temática a ser analisada nas traduções. Considera-se relevante olhar para esses diferentes traços, em vias de conectá-los ou aproximá-los, e assim, abrir caminho para as discussões possíveis no campo da tradução.

A seção três, intitulada “Literatura, cultura e tradução” aproxima teóricos dos Estudos Culturais e dos Estudos da Tradução – Susan Bassnett (1998; 2005), André Lefevere (2007), Lawrence Venuti (2019) e Douglas Robinson (2002) –, e discute os tópicos: cultura e polissistema, tradução cultural, atividade tradutória e as relações de poder – neste último, Maria Tymoczko (2002; 2013) contribui no debate do papel do tradutor literário no viés das relações de poder. Dessa forma, o foco desta seção é o aporte teórico da análise proposta, assim como o olhar para Milton Hatoum como elemento que pertence ao polissistema brasileiro, de acordo com a perspectiva de Itamar Even-Zohar (2013), e observa a sua inserção no polissistema americano e britânico através da tradução do português brasileiro para a língua inglesa.

A seção quatro, “O olhar do Outro – as traduções”, apresenta a análise das traduções, iniciando com uma breve discussão a respeito das razões do sistema linguístico da língua portuguesa ser considerado periférico, e a internacionalização da literatura brasileira. As subseções exibem as capas das traduções objeto da análise,

e encaminha para a análise tradutória com articulação dos teóricos: Lawrence Venuti (2019); Carolina Geaquinto Paganine (2013); Baker (1992); Lanzetti et al. (2009); Toury (2012); Lamberti e Van Gorp (2006). A análise tem o enfoque no eixo temático do espaço da cidade de Manaus pelas lentes da narradora protagonista no sexto capítulo de *Relato de um certo Oriente* e seus textos alvo – as traduções para o inglês – em seus respectivos sistemas. Procura-se observar a orientação dos textos traduzidos, se para seus sistemas alvo ou fonte, e quais os efeitos semânticos das decisões em termos da representação cultural do texto fonte.

2. OLHARES CRUZADOS

Esta seção apresenta um panorama a respeito do polissistema literário de partida, o autor – Milton Hatoum –, sua estética e obras, e aspectos que abrangem o contexto de produção do texto fonte. As subseções amplificam a discussão a respeito da obra objeto de análise desta pesquisa, e apresentam algumas perspectivas possíveis relacionadas à narradora do romance. Considera-se relevante olhar para esses diferentes traços, em vias de conectá-los ou aproximá-los, e assim, abrir caminho para as discussões possíveis no campo da tradução.

2.1 A LITERATURA COMO FORMA DE EXPRESSÃO: MILTON HATOUM

O olhar para o Outro é uma das essências da literatura e está presente nos tantos exercícios possíveis da experiência literária. O pensamento literário não é fechado ou limitado, mas, “heurístico”, uma vez que “jamais cessa de procurar”. A literatura “continua o lugar por excelência do aprendizado de si e do outro, descoberta não de uma personalidade fixa, mas de uma identidade obstinadamente em devenir” (COMPAGNON, 2009, p. 56).

Por essa perspectiva, é possível abranger a proposta de análise crítica e literária de Antonio Candido (2019) de olhar para a literatura compreendendo que “tudo é tecido num conjunto, cada coisa vive e atua sobre a outra”, não sendo o texto um fim em si mesmo, mas para além de absorver o externo, também interiorizá-lo a partir “dos dados de natureza social, tornados núcleos de elaboração estética” (CANDIDO, 2019, p. 23).

O escritor brasileiro Milton Hatoum aborda, em suas narrativas, o trabalho com a memória materializado, fazendo uso do passado como uma forma de compreender o presente, sendo exemplo das descobertas possíveis oportunizadas pela literatura. Tendo a cidade de Manaus como cenário em muitos de seus textos, sua literatura também traz lembranças e experiências pessoais. Os muitos núcleos possíveis, que culminam na chamada peculiaridade estética mencionados por Antonio Candido (2019), estão presentes na obra de Hatoum e evidenciam uma propriedade única. As diversas facetas do escritor são representadas em diferentes níveis e são amostra das questões sociais presentes na estrutura viva do texto literário.

O “vasto sistema solidário de influências recíprocas” que abarcam arte e sociedade, conforme afirma Candido (2019), são de fato consideráveis quando refletimos nos fatores causa ou consequência em relação à literatura e à vida social. Além disso, essas influências são concretas, de acordo com o autor, ou seja, são inquestionáveis.

A proposta de reflexão do crítico literário é ainda mais ampla: em que medida a arte é expressão da sociedade e em que medida ela é social e se preocupa com problemas sociais? Após aprofundar a análise e as relações entre público, obra e autor, Antonio Candido (2019) conclui que os “impulsos pessoais predominam” no resultado da obra de arte. No entanto, o plano de análise é mais profundo, e esse, de uma forma ou de outra, revelará a presença do meio.

Antonio Candido (2019) evidencia uma análise dos aspectos sociais relacionados à vida literária, e afirma a relevância de se observar os valores estéticos de uma obra, tendo o fator social como estrutura interna essencial. Dessa forma, a arte é social pois “depende da ação de fatores do meio, que se exprimem na obra em graus diversos de sublimação”, independentemente dos artistas ou dos receptores da obra, ou seja, o efeito prático que a arte produz terá implicações sociais, seja influenciando condutas, valores ou concepções de mundo.

A obra de Milton Hatoum proporciona um exemplo da proposta de análise de Antonio Candido (2019) de internalização do dado social que não apenas fornece matéria para a elaboração da obra, mas é elemento da estruturação da obra de arte enquanto obra de arte. Segundo o teórico, “o *externo* (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, *interno*” (CANDIDO, 2019, p. 14).

Milton Hatoum nasceu em 1952, em Manaus, e é filho de mãe amazonense, de origem libanesa, e de pai árabe. A vivência que teve na cidade

consistiu em uma experiência fundamental para sua formação, na medida em que lhe permitiu uma visão de mundo que transcende os limites da classe média/alta à qual pertencia e que era considerada a elite manauense àquela época (SILVA, 2010, p. 108).

A estrutura e estéticas peculiares de Hatoum são resultado, de acordo com o próprio autor (HANANIA, 2001), do seu contato com o Outro desde a infância. Suas

experiências ao longo da vida ampliaram-se gradualmente, mas os seus horizontes multiculturais já estavam estabelecidos desde criança e lhe proporcionaram uma pluralidade única. Por outro lado, o que ele denomina “necessidade de escrever”, manifesta-se de uma falta, ou ainda, de um limbo que só a arte pode preencher.

2.1.1 Relatos dos caminhos de Hatoum

Milton Hatoum é um dos escritores brasileiros contemporâneos mais traduzidos e premiados³ e é objeto de vasta e substancial crítica. Diferentes aspectos de sua obra são explorados na recepção, mas há algumas matérias que recebem destaque, como: o trabalho com a memória, especialmente nos romances, em árdua tentativa de reconstrução do passado e, especialmente, com aprofundamento na vida familiar por meio dos níveis psicológicos e culturais; a identidade; o imigrante e o olhar para o oriente, e esses temas culminam em discussões também amplas e expressivas, como: cultura; o multiculturalismo; o regionalismo; a diferença; o exotismo.

O texto inaugural de Hatoum, *Relato de um certo Oriente*, recebeu o Prêmio Jabuti (1990) de Melhor Romance, tem a definição de relato explorada e inaugura as tramas e temáticas que, hoje, são consideradas características do escritor amazonense. O texto foi publicado em oito países e recebeu sua primeira tradução para a língua inglesa, *The Tree of the Seventh Heaven*, em 1994, nos Estados Unidos, realizada por Ellen Watson. Em 2004 a tradução de Ellen Watson foi revisada por John Gledson e publicada no Reino Unido com o título: *Tale of a Certain Orient*.

As demais obras publicadas desde então por Milton Hatoum foram também adaptadas para diferentes mídias, como é o caso de *Dois Irmãos* (2000) que foi traduzido para os quadrinhos, para o teatro e para a televisão. Com o romance publicado em 2005, *Cinzas do Norte*, o autor ganhou novamente o Prêmio Jabuti, entre outros. Além desses também publicou um livro de crônicas, *Um solitário à espreita* (2013), e mais dois romances, *A noite da espera* (2017) e *Pontos de fuga* (2019), que são parte de uma trilogia.

³ *Relato de um certo Oriente* – Prêmio Jabuti, Melhor Romance, 1990. *Dois irmãos* – Prêmio Jabuti, 3º lugar, 2001. *Cinzas do Norte* – Prêmio Jabuti, Melhor Romance, 2006; Prêmio Portugal Telecom; APCA; Prêmio Bravo!. *Orfãos do Eldorado* – Prêmio Jabuti. 2º lugar. *A noite da espera* – Melhor romance brasileiro pela Quatro Cinco Um, 2017; Prêmio Juca Pato; Intelectual do Ano (UBE). Fonte: Companhia das Letras.

As obras de Hatoum foram traduzidas para outras línguas além do inglês, como francês, alemão, espanhol, dinamarquês, tcheco, italiano e árabe. Para o inglês, além das traduções de *Relato de um certo Oriente* analisadas nesta pesquisa, foram traduzidos por John Gledson, e publicados pela editora *Bloomsbury* nos Estados Unidos e Reino Unido, também os romances: *Cinzas do Norte* (*Ashes of the Amazon*), em 2008 e *Dois Irmãos* (*The Brothers*), em 2004. O romance *Órfãos do Eldorado* (*Orphans of Eldorado*), foi publicado em 2012 pela editora Cannongate nos Estados Unidos e Reino Unido, e também traduzido por John Gledson.

As publicações internacionais dos dois primeiros romances, *Relato de um certo Oriente* e *Dois Irmãos*, concederam ao escritor brasileiro o título de um dos principais romancistas contemporâneos da América do Sul⁴. Muito se escreveu a respeito da Amazônia, mas Hatoum “parece apresentar um contradiscurso aos escritores de viagens estrangeiros. Sua Amazônia tem uma característica muito multicultural, pois é povoada por várias etnias” (CREIGHTON, 2009; tradução nossa⁵).

Em *Cidade Ilhada*, por exemplo, livro publicado pela primeira vez em 2006, Milton Hatoum reúne contos que foram escritos a partir de 1992. As tramas são diversas e têm a cidade de Manaus como ponto de partida ou de chegada e de diferentes formas, sejam elas metalinguísticas ou metafóricas, as histórias ampliam os cenários explorados nos romances.

Os contos não têm “a unidade que possuem nos romances de Hatoum”, no entanto, apresentam “os mesmos predicados estilísticos”, de acordo com análise de Manuel da Costa Pinto (2009). A crítica também observa que os contos “transformam a dinâmica portuária de Manaus numa forma de reinvenção da experiência contemporânea”, assim como ocorre nos romances do autor, em que o espaço ficcional de Manaus transpassa uma “representação naturalista” e “se desdobra em espaço metafórico de tensões individuais, históricas e literárias”.

O trabalho com a memória é uma das características de maior destaque na obra do escritor amazonense, mas que também, de acordo com Scramim (2013, p.

⁴ Resenha publicada no jornal The Guardian: “*Tale of a Certain Orient and The Brothers, explored the past of a city at the confluence of rivers and cultures that had lured workers and traders since the rubber boom of the 1880s - including Hatoum's Lebanese Arab forebears, who exchanged the Mediterranean for the Amazon. The Brothers, translated from the Portuguese in 2002, confirmed Hatoum as one of South America's leading contemporary novelists*” (JAGGI, 2008).

⁵ “[...] seems to present a counter-discourse to the foreign travel writers. His Amazon has a very multicultural characteristic as it is populated by several ethnic groups” (CREIGHTON, 2009).

279) é uma ferramenta que “ganhou força e forma bem definidas na modernidade em função da assunção da categoria do sujeito autônomo que escreve para tentar compreender sua própria vida ou a vida de seu tempo e lugar”.

Essa busca por respostas e compreensão do (seu) mundo é refletida na produção literária do arquiteto de formação, Hatoum, que, de acordo com Charlotte Rogers (2019), ao analisar o romance de 2008, *Orfãos do Eldorado*, vê a sua forma de narrar como uma nova forma de arte, considerando a maneira que sua escrita aborda os mitos amazônicos. Milton Hatoum apresenta, de acordo com a análise de Rogers (2019), uma estética literária inovadora, uma vez que as representações do romance quebram as tradições do discurso referentes à Amazônia, apresentando, portanto, originalidade ao misturar as tradições orais e escritas em termos estilísticos, abordando os mitos indígenas e europeus.

Em entrevista concedida ao *The New York Times* (ROHTER, 2007), Hatoum e Márcio Souza promovem reflexões importantes no que concerne aos padrões criados para os escritores de “temas amazônicos”. Souza ressalta que ambos não se enquadram nos nichos estabelecidos e estereotipados, ou seja, não pertencem aos padrões europeus de literatura, e, também não são realistas mágicos como Gabriel García Marquez.

Hatoum não esconde o esforço em afastar sua escrita do exotismo associado à Amazonia e enfatiza:

A nossa é uma sociedade mestiça cuja riqueza provém da fusão e do diálogo de diferentes culturas. A minha mulher é de ascendência italiana, e quando adolescente, eu era o cantor de uma banda pop cujo guitarrista era um judeu sefardita. Por isso não me vejo como libanês-brasileiro, mas apenas brasileiro⁶ (ROHTER, 2007; tradução nossa).

A Manaus de Hatoum é fruto de sua memória, mas é também imaginada,

[...] uma memória híbrida, heterogênea, decadente, mas também reveladora de grandes misturas de raças, cores e cheiros. Revela uma grande diversidade cultural, uma vida multicultural visível nos trajes, nos nomes dos lugares, nas conversas com as pessoas. Há de fato uma integração entre os imigrantes e os nativos que estabelece uma relação de identidade e estranhamento; um mundo diverso. Percebe-se as

⁶ “Ours is a mestizo society whose richness comes from the fusion and dialogue of different cultures. My wife is of Italian descent, and as a teenager, I was the singer in a pop band whose guitarist was a Sephardic Jew. So I don’t think of myself as Lebanese-Brazilian, but just Brazilian” (ROHTER, 2007).

múltiplas vozes, como algo melancólico, mas que deve ser lembrado⁷ [...] (CREIGHTON, 2009, tradução nossa).

Os recursos utilizados por Milton Hatoum, bem como os diversos caminhos possíveis de análise, são objeto do itinerário desenvolvido por Toledo (2006), que conclui que o arquiteto Hatoum é presente na construção da literatura e na sua forma de usar a língua. De acordo com a análise de Toledo (2006) o estilo do autor é econômico, mas sem deixar de ser poético, apresentando ainda certa semelhança estilística na escrita e na estruturação de *Os Sertões* de Euclides da Cunha: “Hatoum é arquiteto, Euclides é engenheiro. Hatoum esboça de saída o desenho de seu edifício literário, Euclides faz a planta de sua construção, também literária: três andares, Terra, Homem, Luta” (TOLEDO, 2006, p. 131).

O pluralismo e multiculturalidade presente na obra de Milton Hatoum e a crítica discute esses elementos, como o estudo de Stella (2021) que observa as estratégias da escrita do autor e como é notório “o manejo da tradição literária brasileira, as citações indiretas de autores clássicos por meio da construção de personagens”, e ainda, “a adoção de técnicas vinculadas à estrutura do romance contemporâneo”, especialmente no primeiro romance, que exploraremos nesta pesquisa.

2.2 SOBRE O RELATO ‘INCERTO’

Adentrar em *Relato de um certo Oriente* “é penetrar num labirinto de significações e de vozes múltiplas, que ressoam de várias direções e de diversos tempos” (CORRÊA, 2007, p. 77). Neste romance de memórias que é ambientado em Manaus e narra a conflituosa história de uma família de imigrantes libaneses, os acontecimentos são apresentados em forma de diálogo e a personagem central é a matriarca Emilie, que é a guardiã dos segredos da família. O romance foi lançado no Brasil em 1989 e relançado em edição de bolso em 2008:

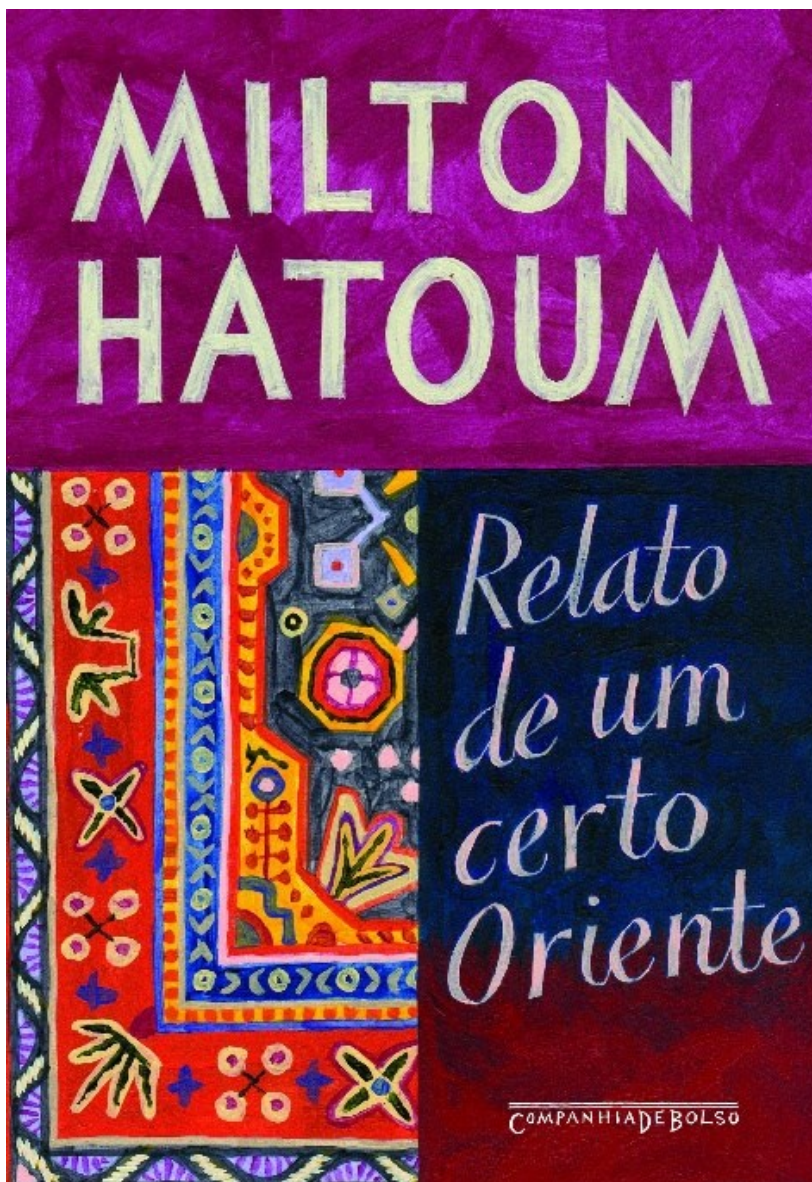
⁷ “[...] a hybrid memory, heterogeneous, decaying but also revealing great mixtures of races, colours and smell. It reveals a great cultural diversity, a multicultural life visible in the costumes, in the names of the places, in the conversations with people. There is in fact an integration between the immigrants and the natives which establishes a relation of identity and estrangement; a diverse world. One realizes the multiple voices, as being something melancholic but which must be remembered [...]” (CREIGHTON, 2009).

Figura 1 – Capa do livro *Relato de um certo Oriente*, de Milton Hatoum, publicado pela Editora Companhia das Letras em 1989



Fonte: website Grupo Companhia das Letras
(<https://www.companhiadasletras.com.br/livro/9788571640399/relato-de-um-certo-orient>)

Figura 2 - Capa do livro *Relato de um certo Oriente*, de Milton Hatoum, publicado pela Editora Companhia de Bolso em 2008



Fonte: website Grupo Companhia das Letras

(<https://www.companhiadasletras.com.br/livro/9788535912661/relato-de-um-certo-oriente>)

O trabalho com a memória conduz a narrativa por meio de uma narradora sem nome, que, após anos ausente, retorna para a casa onde foi criada buscando compreender seu passado e reconstruir, através dos diálogos e das lembranças, um mundo que para ela está perdido. A voz, tanto da narradora principal como dos demais personagens invocados a narrar, é oscilante e pouco harmônica, mas a reconstrução que buscam fazer por intermédio das recordações, têm como principal cenário a ilha cidade de Manaus, “um porto de recordações num espaço aberto à atmosfera

ambígua de um certo oriente, dentro de um espaço flutuante onde velhas tradições religiosas e culturais se (com)fundem” (SILVA, 2010, p. 110).

Em entrevista concedida à Hanania (2001), Milton Hatoum fala a respeito dos dilemas culturais e a noção de nacionalidade experienciadas na infância, e ao falar do espaço múltiplo que viveu, destaca:

A presença e a passagem de estrangeiros na casa da infância contribuíram para ampliar um horizonte multicultural. Minha língua materna é o português, mas o convívio com árabes do Oriente Médio e judeus do norte da África me permitiu assimilar um pouco de sua cultura e religião. De forma semelhante, a cultura indígena se impunha com a presença de nativos que moravam na minha casa e frequentavam o bairro de imigrantes orientais da capital do Amazonas. Esse aprendizado foi lento, como sempre acontece quando assimilamos uma outra cultura. Nos primeiros anos da minha infância, eu escutava os mais velhos conversarem em árabe, a ponto de pensar que esta língua era falada pelos adultos e o português pelas crianças. Aos poucos, a língua árabe, a história, as paisagens e os costumes de um país longínquo tornaram-se familiares para mim. Os laços sanguíneos contribuíram para isso, mas o pequeno Oriente que me cercava (e do qual emanavam vários códigos visíveis e invisíveis) foi decisivo (HANANIA, 2001).

O autor chega a declarar que o romance possui um “tom de confissão”, mas sem ser autobiográfico:

[...] há, como é natural, elementos de minha vida e da vida familiar. Porque minha intenção, do ponto de vista da escritura, é ligar a história pessoal à história familiar: este é o meu projeto. Num certo momento de nossa vida, nossa história é também a história de nossa família e a de nosso país (com todas as limitações e delimitações que essa história suscite) (HANANIA, 2001).

A Manaus de Hatoum apresenta elementos culturais variados por meio de imigrantes europeus, árabes, e através de nativos que povoam a região, como portugueses e indianos. Esse composto culmina em um emaranhado de personagens complexos, tanto quanto o trabalho de conectar os relatos presentes no romance.

Uma análise de Gonçalves e Gama (2020) investiga a recepção do primeiro romance de Hatoum no Brasil, no momento do seu lançamento, e observa as críticas de Silviano Santiago e Flora Süssekind. Nesse contexto, o destaque é para o fato de que, de acordo com a reflexão proposta pelas autoras, a literatura de Milton Hatoum ocupa um intervalo de movimentos, não sendo “nem modernista, tampouco pós-moderna” (p. 83), e ainda “passa ao largo do projeto da historiografia metaficcional” (p. 82). Considerando a crítica de Silviano Santiago discutida pelas autoras, os

descentramentos presentes no romance são evidenciados, sendo esses três: o descentramento espacial; o descentramento quanto “à forma de investigação vertical no tempo”, e, ainda, o descentramento de perspectiva da narrativa (GONÇALVES; GAMA, 2020, p. 79). Cada particularidade evidencia aspectos relevantes que culminam à forma memorialista de Hatoum, que faz uso de uma sequência narrativa que não é linear, oferecendo destaque à desordem das lembranças, culminando em um efeito semelhante à um caráter lacunar (p. 85).

O texto de *Relato de um certo Oriente*, conforme observa Corrêa (2007), é um labirinto – são múltiplas vozes que ressoam de várias direções e de diversos tempos. Ao todo são cinco os narradores: a principal, e não nomeada, que invoca os seguintes: Hakim, Gustav Dorner, o avô e por último, Hindié Conceição. No romance há oito partes, e os narradores alternam-se, dificultando uma identificação mais precisa do sujeito do enunciado por parte do leitor. Nesse sentido, há, de acordo com Toledo, (2006, p. 36), uma “batalha de interpretações” justamente em decorrência dos diferentes pontos de vista dos fatos.

2.3 ALGUMAS PERSPECTIVAS POSSÍVEIS

Considerando o primeiro objetivo específico deste trabalho, esta subseção apresenta algumas perspectivas possíveis de análise a respeito do papel da narradora protagonista de *Relato de um certo Oriente*. Como já abordado anteriormente, a narradora assume papel central no romance, e sua voz é grande responsável pela experiência do leitor. Essa investigação visa embasar as discussões presentes também no âmbito da análise tradutória presentes nas seções seguintes.

Sobre o narrador, faz-se importante analisar algumas características presentes no romance, uma vez que a maneira como os fatos são apresentados, no texto fonte, e, na sequência, nos textos alvo refletem níveis diferentes de compreensão.

A narradora inominada busca reconstruir seu passado e,

Assim, essa pessoa de passado incerto, que tem no irmão o destinatário de suas reflexões, retorna à cidade natal em busca de um reencontro com Emilie, sua mãe adotiva. Ao chegar, encontra a casa desfeita, o que transforma seu relato numa busca de um mundo perdido que se reconstruirá nas falas alternadas das personagens que se juntam nessa busca por um passado distante (SILVA, 2010, p. 110).

Os narradores são a ferramenta pela qual os elementos externos são internalizados no texto, ou ainda, são parte importante dessa representação. É por meio do papel dos diferentes narradores de *Relato de um certo Oriente* que vemos representada a porção da invenção e da interpretação estética do autor, que transfigura a realidade, trazendo o elemento externo, a sociedade, e o transformando em interno, que é coerente e lógico com a estrutura do texto.

Walter Benjamin (2012) vai a níveis profundos ao analisar a função do narrador em um romance. Faz uma análise histórica, passeando por diferentes gêneros, e comparando o papel do narrador em diferentes momentos. O fio condutor é a aproximação ou comparação do trabalho do narrador, ao ofício de um sábio, ou mestre, e ainda vai além, de um artesão. O olhar do autor para o narrador é singular e culmina em uma perspectiva interessante em relação ao romance, conferindo a este “uma dimensão utilitária”. Tal dimensão abarca, portanto, ensinamentos morais, sugestões práticas, como em provérbios e acaba por definir o narrador como o “homem que sabe dar conselhos”.

Nesse cenário, compara-se então, de acordo com Walter Benjamin (2012), a função do narrador literário em dar sentido e interpretar a história de maneira única, fornecendo ao episódio uma amplitude que a informação ou a historicidade apenas não atingem. O narrador carrega a novidade, a invenção e a criação de forma singular.

A narrativa, como forma artesanal de comunicar, “não está interessada em transmitir o ‘puro em si’ da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele” (BENJAMIN, 2012, p. 205). E esse processo culminará no leitor, solitário, que imprime sua experiência individual e única nessa viagem.

O próprio Hatoum (HANANIA, 2001) vê o narrador anônimo mencionado por Walter Benjamin presente nos espaços que frequentou quando criança:

[...] alguns parentes mais velhos que pertenciam a essa família de comerciantes-viajantes eram, na verdade, narradores em trânsito. Contavam histórias que diziam respeito à experiência recente de suas viagens aos povoados mais longínquos do Amazonas, lugares sem nome, espalhados no labirinto fluvial. Nas pausas do comércio ambulante, exercitavam a arte narrativa. Esses orientais, rudes ou letrados, narravam também episódios do passado, ocorridos em diversos lugares do Oriente Médio, antes da longa travessia para o hemisfério sul. Por outro lado, os amazonenses que haviam migrado para a capital, traziam no imaginário as lendas e os mitos indígenas. Na Pensão Fenícia, as vozes desses nativos faziam contraponto às dos imigrantes orientais: vozes

dissonantes, que narravam histórias muito diferentes, mas que pareciam homenagear um tipo de saber citado por Benjamin: “o saber que vinha de longe - do longe espacial das terras estranhas, ou do longe temporal contido na tradição” (HANANIA, 2001).

Além disso, a forma como a narradora de *Relato de um certo Oriente* faz uma rememoração de sua história e valores familiares é a base de um quebra cabeça formado por Milton Hatoum, e evoca a especificidade do romance discutida por Edward Morgan Forster (2005), onde “o escritor pode falar sobre seus personagens tanto quanto através deles, ou pode dar um jeito para que possamos ouvi-los enquanto eles conversam entre si”, e ainda pode “mostrar o curto-circuito do subconsciente em plena ação” (FORSTER, 2005, p. 36).

O narrador mais ouve do que narra; no entanto, coloca o leitor no papel de ouvinte como em uma conversa atenta e tranquila. Os narradores vão e vem contando histórias que vão se encaixando, mas que, em diversos níveis, provocam o leitor e pedem um complemento, ou seja, a imaginação do leitor:

O extraordinário e o miraculoso são narrados com a maior exatidão, mas o contexto psicológico da ação não é imposto ao leitor. Ele é livre para interpretar a história como quiser, e com isso o episódio narrado atinge uma amplitude que não existe na informação (BENJAMIN, 2012, p. 203).

Essa livre interpretação é, certamente, possível no romance de Hatoum, que não pode ser considerado limitado ou fechado, uma vez que cada uma das oito partes “indica uma continuidade das experiências” (CORRÊA, 2007, p. 93). Tais experiências, em *Relato de um certo Oriente*, apresentam “caráter fragmentário do discurso, bem ao estilo do oral, mas também pela proximidade de alguns narradores do romance com os “narradores anônimos” que fala Benjamin” (CORRÊA, 2007, p. 94), e que atribui juízo de valor às melhores narrativas escritas, sendo as que mais se aproximam das orais – o valor da oralidade que transmite a experiência e uma mensagem, não meramente uma história.

Relato de um certo Oriente faz essa referência à oralidade por meio do trabalho de alternância entre os narradores da história. Essa operação, portanto, corrobora para internalizar o externo e trazê-lo parte da constituição do texto. A conclusão da narradora é que após reunir todos os relatos, gravações e anotações sobre seu passado, as histórias que colheu dos familiares e amigos é de que foi “incapaz de ordenar coisa com coisa” (HATOUM, 2008, p. 147).

Ainda sobre o fundamental papel da narração do romance de Hatoum, Toledo (2006, p. 45) descreve a linguagem da narradora como “culta, econômica, misteriosa, impressionista e plástica, é a voz do próprio Hatoum, resgatando, recriando e transfigurando seu passado”.

As discussões apresentadas nesta seção a respeito dos narradores do romance, serão também utilizadas na seção quatro desta pesquisa visando a alcançar o objetivo específico de verificar as formas de transposição dos aspectos culturais e linguísticos nas traduções para o inglês.

2.4 A IDENTIDADE POR MEIO DA CIDADE – RELAÇÃO DE SEMELHANÇAS

O romance *Relato de um certo Oriente* é um longo relato de uma interessante busca por identificação. Essa busca é representada de diversas formas, sendo uma delas as metáforas em relação aos sentimentos dos narradores com as imagens da cidade de Manaus, dos rios, dos bairros, das pontes, da floresta – o externo internalizado no texto, fazendo parte não só das imagens que representa, mas nas diferentes camadas dos personagens, pois, os elementos da cidade parecem, inclusive, influenciar na construção da identidade dos personagens que fazem o trabalho com a memória em busca de respostas para suas questões no presente.

Neste trecho, das primeiras páginas do romance, a narradora inominada recém inicia sua jornada de rememorar o passado, em um mundo na espera do movimento e que está ainda escuro:

A conversa com os animais, os sonhos de Emilie, **o passeio ao mercado na hora que o sol revela tantos matizes do verde e ilumina a lâmina escura do rio**. Na fala da mulher que permanecera diante de mim, havia uma parte da vida passada, **um inferno de lembranças, um mundo paralisado à espera de movimento** (HATOUM, 2008, p. 9; grifo nosso).

De acordo com Stuart Hall (2009, p. 109), a identidade é “uma renegociação com nossas “rotas””, ou seja, é uma “suturação à história” diferente do “chamado “retorno às raízes””, mas sim, “o mesmo que se transforma” e são construídas dentro do discurso, e não fora dele. O relato do romance tem força de declaração identitária e “o passado era como um perseguidor invisível” (HATOUM, 2008, p. 148).

A narradora busca um significado, um encontro ou a construção de uma imagem consistente de sua história, e esse trabalho tem Emilie, a matriarca, como o centro dessa necessidade:

[...] Emilie se foi para sempre, comecei a imaginar com os olhos da memória as passagens da infância, as cantigas, os convívios, a fala dos outros, a nossa gargalhada ao escutar o idioma híbrido que Emilie inventava todos os dias (HATOUM, 2008, p. 148).

Stuart Hall (2009, p. 108) observa o papel da identidade ao invocar as representações do passado e suas correspondências; as identidades “têm a ver, entretanto, com a questão da utilização dos recursos da história, da linguagem e da cultura para a produção não daquilo que nós somos, mas daquilo no qual nos tornamos”.

No romance, as várias metáforas e analogias, que os narradores utilizam como resultado do trabalho com a memória, têm como cenário ou matéria a cidade de Manaus e vários elementos do espaço geográfico. Os longos parágrafos são ricos em detalhes da cidade como fundo, e como elemento correspondente à construção da identidade, utilizando os recursos imagéticos e invocando o passado.

A subjetividade dos personagens de *Relato de um certo Oriente*, implícita em suas narrações, evoca o que Stuart Hall (2009, p. 111) classifica como identidade:

[...] o ponto de encontro, o ponto de *sutura*, entre, por um lado, os discursos e as práticas que tentam nos ‘interpelar’, nos falar ou nos convocar para que assumamos nossos lugares como os sujeitos sociais de discursos particulares e, por outro lado, os processos que produzem subjetividades, que nos constroem como sujeitos aos quais se pode ‘falar’.

As representações da cidade são um exemplo de elemento externo internalizados no texto, as quais, de acordo com Hall (2009, p. 112) são sempre construídas “ao longo de uma “falta”, ao longo de uma divisão, a partir do lugar do Outro e que, assim, elas não podem, nunca, ser ajustadas”. Essa ‘falta’ permanece uma lacuna incompleta para a narradora do romance de Hatoum:

Quando conseguia organizar os episódios em desordem ou encadear vozes, então surgia uma lacuna onde habitavam o esquecimento e a hesitação: um espaço morto que minava a sequência de ideias. [...] Pensava (ao olhar para a imensidão do rio que traga a floresta) num navegante perdido em seus meandros, remando em busca de um afluente que o conduzisse ao leito maior, ou ao vislumbre de algum porto (HATOUM, 2008, p. 147).

A analogia de sua busca ser aproximada a um “navegante perdido” descreve a narradora perdida no movimento das águas, “movimento que conduz a outras águas ainda mais confusas correndo por rumos incertos” (HATOUM, 2008, p. 147).

Manaus é mais que plano de fundo das histórias dos narradores de *Relato de um certo Oriente*, pois a cidade é internalizada na representação de suas buscas por respostas – como uma relação de semelhanças em muitos níveis –, de forma comparativa e metafórica.

Nos longos e detalhados parágrafos, especificamente nos últimos capítulos do romance, temos a cidade, o espaço urbano de Manaus imbrincado nos sentimentos e angústias da narradora que depois de sair da casa da sua mãe biológica, se dirige ao sobrado à procura da matriarca Emilie. Uma vez que as portas estão fechadas, decide pelo passeio:

Decidi, então, perambular pela cidade, dialogar com a ausência de tanto tempo [...] Atravessei a ponte metálica sobre o igarapé e **penetrei nas ruelas de um bairro desconhecido**. Um cheiro acre e muito forte surgiu com as cores espalhafatosas das fachadas de madeira, com a voz cantada dos curumins, **com os rostos recortados no vão das janelas, como se estivessem no limite do interior com o exterior**, e que esse limite (a moldura empenada e sem cor) nada significasse aos rostos que fitavam o vago, alheios ao curso das horas e ao transeunte que procurava observar tudo, com cautela e rigor. Havia momentos, no entanto, em que me olhavam com insistência: sentia um pouco de temor e de estranheza, **e embora um abismo me separasse daquele mundo, a estranheza era mútua, assim como a ameaça e o medo. E eu não queria ser uma estranha, tendo nascido e vivido aqui**. [...] Passei toda a manhã naquele mundo desconhecido, a cidade proibida na nossa infância [...] (HATOUM, 2008, p. 109; grifo nosso).

Os trechos em destaque falam sobre o passeio da narradora pela cidade de Manaus, mas podem também falar sobre os conflitos internos da personagem na sua busca por respostas, e podem representar sua construção identitária. Há um estranho abismo entre o que ela vê e sente, e o enredo nos faz perceber o que a personagem reconhece, e Madeira (2017, p. 16) afirma: “a história que pretendia reconstituir ainda está, na verdade, sendo escrita. Não há um passado estável a ser resgatado”.

A conclusão da narradora é que tanto caos ressoava “como um coral de vozes dispersas” (HATOUM, 2008, p. 148) quando tentava reunir os relatos, fotografias e gravações de quem conversou sobre os murmúrios do seu passado. Finaliza, portanto, em conflito:

Também me deparei com um outro problema: como transcrever a fala engrolada de uns e o sotaque de outros? Tantas confidências de várias pessoas [...]. **Restava então recorrer à minha própria voz**, que planaria como um pássaro gigantesco e frágil sobre as outras vozes (HATOUM, 2008, p. 147; grifo nosso).

Esse momento revela a *dimensão de profundidade* do Eu, que fornece senso de realidade à identidade, como proposta por Homi Bhabha em *O Local da Cultura* (1998) que seria, nesse caso, o reconhecimento da própria interioridade e a consciência do seu passado que se origina na dimensão de isolamento que permite ao sujeito reconhecer a própria imagem perante o mundo. Esse aspecto comprova que o reconhecimento do passado interfere na construção da identidade do sujeito, levando em conta a proposta de Hall (2009, p. 119) de que elas (as identidades) são construídas dentro do discurso e de suas práticas relacionadas a fatores históricos, além de surgirem como “narrativização do eu”.

Assim, o personagem identifica a sua imagem perante o Outro, passando a ter consciência de quem é e de como chegou até ali. Esse fator torna-se importante para o desenvolvimento de sua identidade, pois é a partir desse reconhecimento que surgirá então o sentimento de “estranheza” ao próprio lar. No caso da narradora de *Relato de um certo Oriente*, esse estranhamento prevalece após sua “viagem” pelo passado; o seu lugar de origem não respondeu suas perguntas e o que antes era o ponto de partida e representação de lar, agora é um ambiente estranho.

3. LITERATURA, CULTURA E TRADUÇÃO

Esta seção apresenta uma aproximação entre os teóricos Itamar Even-Zohar e Antonio Candido visando pavimentar os caminhos para as discussões nos campos da cultura e da tradução. Além disso, a subseção 3.2 discute tradução cultural e alguns estudos que abordam a recepção das traduções de *Relato de um certo Oriente* em outros sistemas. A seção 3.3 aproxima os principais teóricos dos Estudos da Tradução que embasam as análises propostas nesta pesquisa.

3.1 CULTURA E POLISSISTEMA

O crítico, sociólogo e linguista israelense Itamar Even-Zohar (2013, p. 2) desenvolve a Teoria do Polissistema, que estuda as funções e os papéis da literatura nas construções culturais. O autor evidencia que “os modelos de comunicação humana regidos por signos (tais como a cultura, a linguagem, a literatura, a sociedade), podem ser entendidos e estudados de modo mais adequado se os consideramos como sistemas”. Considerando sua proposta, André Lefevere (2007) aponta a tradução como uma maneira de reescrever, e, também, uma atividade de manipulação, intrinsecamente ligada à patronagem, ou seja, defende que as relações de poder interferem no desenvolvimento ou atuação de determinada literatura em cada sociedade.

Even-Zohar discute a diferença entre “tradução” e “obras traduzidas”, além do posicionamento da literatura traduzida dentro do sistema literário. Ele argumenta sobre as relações entre as obras traduzidas e a literatura nativa e até que ponto a literatura traduzida pode ser considerada como sistema. A partir disso, afirma que há duas maneiras possíveis de relação:

(a) na maneira em que seus textos-fonte são selecionados pela literatura alvo, dentro de princípios da seleção que nunca deixam de ser relacionados com o co-sistema nativo da literatura-alvo (para se dizer da forma mais cuidadosa possível); e (b) na maneira em que adotam normas, comportamentos e políticas específicos – em suma, em seu uso do repertório literário – que resultam de suas relações com os outros co-sistemas nativos (EVEN-ZOHAR, 2013, p. 3).

Even-Zohar (2013, p. 3) enfatiza o conceito de polissistema como “algo dinâmico e heterogêneo”, portanto, complexo e que apresenta “multiplicidade de interseções”. Nesse sentido, a estrutura do polissistema não é vista como fechada ou limitada, mas sim ocorrendo dentro de uma rede ou conjunto de relações que culmina em um sistema.

Pym et al. (2016, p. 249) observa:

Quando definimos que, dentro de um dado sistema cultural, uma tradução é relativamente “central” ou “periférica” (ou algo no meio disso), efetivamente dizemos que a sua função é ou mudar ou reforçar (ou algo no meio disso) a língua, a cultura ou a literatura de chegada. A função, nesse caso, é o que o texto faz no sistema.

Dessa maneira, a função, de acordo com Even-Zohar (2013), é o papel que o texto desempenha no sistema. O autor propõe que a literatura traduzida é um subsistema que ocupa posição dentro do polissistema literário, assim, a “lógica interna de uma cultura não determinará tudo o que pode ser feito nela” (PYM et al., 2016, p. 247). Nesse sentido, as traduções podem ser elemento relevante e ocupar status de “inovadora” e “central”, ou podem não ter tanta importância e ser secundárias, ocupando status de “conservadora” e “periférica”. Assim, “a tradução é vista como uma das formas pelas quais um polissistema interfere em outro [...]” (PYM et al., 2016, p. 247).

Apesar dessas observações, o autor olha para a tradução como essencial para compreender um sistema cultural, considerando que nenhuma cultura é independente, e dessa maneira, “Even-Zohar se ocupa principalmente com as descrições sistêmicas de como as culturas se desenvolvem” (PYM et al., 2016, p. 227).

De acordo com Susan Bassnett (2005, p. 18) a teoria do polissistema é significativa para afastar os complicados e radicais debates relacionados à equivalência e fidelidade, e focar em análises “do papel do texto traduzido em seu novo contexto” e nos caminhos possíveis para a reavaliação da tradução como ferramenta para inovação e mudança na história literária.

Assim, ao abordar as intra-relações frente aos processos e procedimentos que formam os polissistemas, Even-Zohar (2013, p. 16) destaca que os fatos da “vida literária” são parte importante do sistema a serem considerados, mesmo que esses comportem-se como “sistemas socioculturais semi-independentes”. A instituição

literária deve ser reconhecida como integral, e envolve fatores como ideologias literárias, crítica, editoriais ou quaisquer outros meios que ditam normas nesse âmbito.

A perspectiva sistemática, deste modo, também é uma noção discutida pelo sociólogo e professor universitário Antonio Candido, em sua obra *Formação da literatura brasileira* (1975), quando estabelece a diferenciação entre manifestação literária e literatura, sendo essa última, “um *sistema* de obras ligadas por denominadores comuns, que permitem reconhecer as notas dominantes de uma fase” (CANDIDO, 1975, p. 23). O autor aponta que “embora a obra literária seja sempre única e pessoal, na medida em que ela não alcançar ressonância, não tornar-se coletiva através da aceitação de um público, tal obra não existirá como literatura” (DE OLIVEIRA, 2012, p. 68). Todavia, distinto do que Even-Zohar propõe, o crítico literário brasileiro não entra “no terreno complexo da existência de mais de um sistema atuado lado a lado, o que vai constituir o polissistema, ou seja, um sistema de sistemas” (DE OLIVEIRA, 2012, p. 68). Nessa direção, podemos então, considerar sistema, de acordo com o proposto por Antonio Candido, “apenas ampliando sua noção ao admitir a possibilidade da coexistência e inter-relacionamento com outros sistemas” (DE OLIVEIRA, 2012, p. 68).

Pensar a literatura para além do produto é, portanto, o que propõe a perspectiva sistemática, uma vez que, de acordo com Even-Zohar (1990) os textos são apenas manifestações fragmentárias da literatura, e essa abordagem preocupa-se também com a relação do texto com outros elementos, como produção, recepção e circulação.

O professor Ubiratan Paiva de Oliveira (2012) propõe uma aproximação entre os dois críticos e teóricos, apontando possíveis correspondências em seus conceitos sistemáticos, no que tange a distinção entre sistemas canonizado e não-canonizado, e ainda, no que tange à dialética entre arte e sociedade e suas influências. O posicionamento tradicional considera essa uma relação unilateral, no entanto, ambos os teóricos – Even-Zohar e Candido – apontam o

[...] inter-relacionamento existente entre os mais diversos tipos de expressão artística, as influências renovadoras que uns podem vir a exercer sobre outros, bem como a influência que fatores externos possam trazer à produção artística. Evidente também fica como formas não-canonizadas possam vir também a influir sobre outras, dominantes ou não (DE OLIVEIRA, 2012, p. 71).

No âmbito desta pesquisa tratamos principalmente de dois polissistemas: o de partida e o de chegada. O polissistema de partida refere-se à totalidade do contexto em que a obra nasceu, fazendo parte dele: a língua-fonte, o autor, a cultura, o ambiente, entre outros. O segundo polissistema, o de chegada, representa os fatores e processos relacionados ao contexto da tradução.

3.2 TRADUÇÃO CULTURAL

O romance inaugural de Hatoum, exemplifica a palavra que é, “ao mesmo tempo, forma e conteúdo [...]” (CANDIDO, 2019, p. 32) e explicita uma construção narrativa voltada à fluidez entre duas culturas, ou mais, como é possível depreender do enredo do romance. E, nesse sentido, olhar para a tradução evidencia alguns desafios relacionados às referências presentes no texto, e que abarcam não só a cultura manauara, mas, também, a cultura que Emilie e sua família libanesa carregam.

O oriente amazonense apresentado por Hatoum faz uma referência a elementos da tradição oral e registra um “certo espaço amazonense” com elementos da cultura brasileira, mas também da cultura árabe. O olhar para o Outro, a construção identitária, o estranhamento e a ambiguidade são elementos presentes e possíveis de análise em *Relato de um certo Oriente* e que compõem a literatura universal de Hatoum – chegando a mais de dez países em pelo menos seis idiomas.

Os estudos de Erika Jurdi (2020) observam as buscas que o relato faz entre os dois mundos: o oriental e o amazonense. Jurdi (2020) analisa a personagem principal, sem nome, que, ao narrar, também procura histórias para dar sentido à própria vida e existência. Essa busca por identidade é também a busca a um mundo perdido, e revela um trabalho que faz referência aos narradores orientais de tradição oral. Ao evidenciar o processo de orientalização (JURDI, 2020, p. 32), o estudo também aproxima os personagens aos ecos da tradição oral, e coloca em uma lente os detalhes do trabalho e desenvolvimento da família de Emilie, e conclui:

[o romance] [...] posiciona os imigrantes libaneses no Brasil como intermediários na sociedade de Manaus, tanto em termos de trabalho como em termos de raça. Como se pode ver, a posição da família como pequenos proprietários de empresas e a sua pele clara deu-lhes todos os privilégios em relação às populações indígenas e negras locais que eram de uma classe inferior e consideradas de raça inferior. A família libanesa podia explorar o trabalho do povo indígena na sua casa, ignorando o seu

bem-estar e considerando-o como promíscuo ou imoral, e utilizando a prática da chamada caridade para essencialmente reforçar a sua posição social. Ao mesmo tempo, eram muitas vezes afastados e orientalizados pela elite europeia, sendo na pior das vezes vistos como "nómadas" pouco instruídos, e na melhor das hipóteses como criaturas exóticas que inspiravam fascínio⁸ (JURDI, 2020, p. 45; tradução nossa).

Ainda nesse sentido, a literatura emergente de Hatoum é categorizada na antologia *ArabAmericas*, organizada por Ette e Pannewick (2006, p. 8), como sem morada fixa. Ao aproximar a obra do autor a de outros nomes árabe-americanos como Samuel J. Hazo, Naomi Shihab Nye e Etel Adnan, o estudo observa uma perspectiva reversa à tradicional da erudição literária, valorizando o contexto híbrido de histórias resultantes de diferentes períodos da globalização.

Ingenschay (2006) observa que Hatoum constitui uma estética própria quando se trata das palavras árabes inseridas no romance *Relato de um certo Oriente*. A análise propõe que o exotismo do escritor é constituído da personalidade do seu sistema de referências, e “a imaginação ocidental, a crítica [...] caracterizaram esse sistema poético com uma palavra que lembra sua origem no Oriente, a noção de arabesco⁹” (INGENSCHAY, 2006, p. 174; tradução nossa¹⁰). Ainda sobre o romance, Ingenschay (2006, p. 173) discute o exotismo presente na obra e a impossibilidade de delimitar à literatura regional, romance do Amazonas ou literatura da imigração, e sobre a literatura de Hatoum afirma que essa:

[...] assume dois tipos diferentes de leitores (um brasileiro e outro ‘norte’), o que o leva a desconsiderar a interação e a construção hemisférica de Oriente e Ocidente na saga familiar de Hatoum. ‘Colocar no colorido cenário do Amazonas’, é – além desse ‘exotismo orientalista’ – uma

⁸ [...] positions the Lebanese immigrants in Brazil as in-betweeners in the society of Manaus, both in terms of labour and in terms of race. As we can see, the family’s position as small business owners and their fair skin gave them all the privileges in relation to the local Indigenous and Black populations who were of a lower class and considered of a lower race. The Lebanese family could exploit the labour of Indigenous people in their home, disregarding their well-being and putting them down as promiscuous or immoral, and using the practice of a so-called charity to essentially reinforce their social position. At the same time, they were often othered and orientalised by the European elite, at worst times being seen as uneducated “nomads,” and at best as exotic creatures that inspired fascination (JURDI, 2020, p. 45).

⁹ De acordo com o autor, “Arabesque is a cultural motif, a virtual place, a spiritual labyrinth, the history of a mosaic of cultures” (INGENSCHAY, 2006, p. 174); “Today, we would qualify such a texture as metaliterary and intertextual. ‘Arabesque’ would be, then, rather than a modern, a post-modern category. Under various aspects, in particular with regard to narrative technique, [...] Hatoum’s *Relato de um certo Oriente*, match such a definition” (INGENSCHAY, 2006, p. 176).

¹⁰ “Western imagination, criticism [...] have characterized this poetic system with a word that recalls its origin in the Orient, the notion of the arabesque” (INGENSCHAY, 2006, p. 174).

resposta literária aos desafios interculturais [...] (INGENSCHAY, 2006, p. 174; tradução nossa¹¹).

E de fato, os desafios interculturais se apresentam até mesmo para os próprios brasileiros, considerando que muitas das expressões utilizadas no romance não são reconhecidas por brasileiros do Sul, por exemplo, e ainda as representações presentes no romance concernentes a uma família libanesa na Amazônia é um referencial importante na literatura do escritor brasileiro.

Nessa perspectiva, portanto, Ingenschav (2006) aborda ainda, o empenho da literatura latino-americana em lutar contra a hegemonia do eurocentrismo cultural, e que posiciona autores como Hatoum como criadores de uma “[...] construção hemisférica de um discurso que desmascara o pensamento ocidental como mera outra alteridade. Os seus projetos árabe-americanos procuram desterritorializar tanto a hegemonia europeia como a exclusividade latino-americana¹²” (2006, p. 185; tradução nossa).

O estudo de memória cultural e identidade nos três primeiros romances de Hatoum, realizado por Majda Bojić (2015), explora a presença dos processos identitários nos textos e que apresentam a função da continuidade da identidade através do tempo nos níveis coletivos e individuais, de forma figurada, mas também simbólica. As experiências (coletiva e pessoal) se cruzam e se revelam de diversas formas, sejam por meio dos objetos, rituais, hábitos ou práticas religiosas. As práticas simbólicas presentes no enredo de *Relato de um certo Oriente* “desvelam a desagregação dos sistemas coletivos de identificação” (p. 153) e há “uma apresentação do desmanchamento de antigas tradições” (p. 154). A experiência coletiva e individual na dinâmica da memória cultural culmina em personagens que “apresentam-se como agentes ativos incumbidos da tarefa de preservar aquilo que consideram que não deve ser esquecido” (p. 162). Assim, o romance revela personagens que estão na busca de compreender o outro, mas, principalmente, a si mesmos, por meio de viagens ao passado que evocam lembranças.

¹¹ [...] assume two different kinds of readership (one Brazilian and another ‘Northern’), which leads him to disregard the interplay and the hemispheric construction of Orient and Occident in Hatoum’s family saga. ‘Put in the colourful setting of the Amazonas’, is – beyond this ‘orientalist exoticism’ – a literary response to intercultural challenges [...]” (INGENSCHAY, 2006, p. 174).

¹² “[...] hemispheric construction of a discourse that unmasks Western thought as merely another alterity. Their ArabAmerican projects seek to deterritorialize both the European hegemony and the Latin American exclusiveness” (INGENSCHAY, 2006, p. 185).

Relacionando essas experiências coletivas, faz-se importante olhar para os reflexos sociais. Nessa via, em termos de tradução cultural Homi Bhabha (1998), como crítico pós-colonial coloca a tradução cultural no patamar de prática e estratégica discursiva, seja qual for o meio: literatura, comunicação, cultura, negociação discursiva ou produção de conhecimento. O olhar do autor para a tradução cultural apresenta uma maneira de reescrever os discursos ocidentais opressivos com o objetivo de expor suas contradições, colapsar sua estrutura e, como consequência, permitir espaço para o novo. Esse olhar é relevante ao pensar na literatura de Milton Hatoum e seu contexto. A noção de “tradução cultural” de Bhabha (1998) empresta das observações originais de Walter Benjamin as ideias a respeito da tarefa do tradutor e da tradução e propõe que as atividades de significação ou simbólicas são as que conectam, de uma forma ou de outra, as diferentes culturas.

Ao aproximar os aspectos da tradução à teoria de Walter Benjamin, Bhabha (1998) apresenta a tradução cultural, resumidamente, como o título do capítulo em que aprofunda a discussão: “como o novo entra no mundo”. Ao aproximar essa perspectiva à realidade de Milton Hatoum neste terceiro espaço e, conseqüentemente, refletido na sua literatura, pensamos não mais na literalidade cronológica, mas sim, como sugere Homi Bhabha, na maneira como um migrante pode usar os discursos que estruturam uma cultura ocidental e apresentá-los, ou, remoldá-los, de uma forma única, como algo novo.

Susan Bassnett (2005, p. 17) salienta “o fato de Homi Bhabha usar o termo ‘tradução’ não para descrever uma transação entre textos e línguas, mas no sentido etimológico de ser carregado de um local a outro”. De fato, o movimento dos povos ao redor do mundo é análogo ao processo da tradução em si, uma vez que não há apenas a negociação entre línguas, mas sim, no trabalho do tradutor, “todos os tipos de transações ocorrem”. E, nesse sentido, Bhabha:

[...] usa a tradução metaforicamente para descrever a condição do mundo contemporâneo, onde milhões migram e mudam de local todos os dias. Em um mundo como este, a tradução é fundamental: Devemos lembrar que é a “intra” – o limite da tradução e da renegociação, o espaço *dentro-entre* – que carrega o peso do significado de cultura (BASSNETT, 2005, p. 17).

Ao aproximar de forma análoga a escrita pós-colonial e a tradução literária Maria Tymoczko (2002) enfatiza: “[...] pode mesmo haver mais do que uma cultura ou

uma língua que esteja por detrás da obra de um escritor. Um tradutor, pelo contrário, tem, aparentemente, um domínio muito mais limitado, apenas um único texto para transpor¹³” (TYMOCZKO, 2002, p. 20; tradução nossa).

Bassnett (2005, p. 16) aponta justamente a relação de igualdade existente na reflexão pós-colonial a respeito do texto fonte e do texto-meta. A desigualdade entre os textos foi agora “repensada” e tal abordagem tradutória oferece um novo lugar para a dinâmica de formação de identidade cultural.

No romance de Hatoum, há representações relevantes a serem observadas no contexto da representação cultural, antes de se olhar para as traduções. A seção seguinte apresentará uma análise dos elementos do eixo temático do espaço da cidade, que reflete a respeito da identidade da narradora protagonista, mas que, a certo nível, fala sobre o polissistema de partida. A representação da cidade no romance é proeminente, faz-se importante observar esses aspectos que irão colaborar no olhar para os textos-alvo – as traduções de *Relato de um certo Oriente* para o inglês.

3.3 A ATIVIDADE TRADUTÓRIA

A teoria proposta por Susan Bassnett (1998) a respeito da tradução, problematiza os fenômenos levantados pelos estudos da área, e a própria prática, envolvendo os elementos culturais e linguísticos, especialmente nos debates sobre ‘equivalência’. Para Bassnett (2005, p. 31) não pode haver tradução definitiva, da mesma maneira como não há literatura definitiva, e assim, em termos de singularidade do texto, a autora considera que “todos os textos são originais porque toda tradução é distinta. Toda tradução é, até certo ponto, uma invenção e enquanto tal, constitui um texto único”.

Além disso, a autora endossa as conexões existentes, e que são sobrepostas, entre as perspectivas culturais e da tradução, e de que maneira a atenção desses campos tem se voltado para as investigações políticas e práticas culturais. Além disso, há a preocupação em olhar para a teoria da tradução como ciência, que envolve

¹³ “[...] *there may even be more than one culture or one language that stand behind a writer’s work. A translator, by contrast, has seemingly a much more limited domain, only a single text to transpose*” (TYMOCZKO, 2002, p. 20).

diferentes processos, e não apenas uma atividade secundária que fornece “uma lista de normas para a realização de uma tradução perfeita” (BASSNETT, 2005, p. 59).

Dentre os processos existentes na tradução, os manipulatórios¹⁴ devem ser reconhecidos na produção textual, considerando que:

Um escritor não escreve em um vácuo: ele ou ela é o produto de uma determinada cultura, de um determinado momento no tempo, e a escrita reflete esses fatores como raça, sexo, idade, classe e local de nascimento, bem como as características estilísticas e idiossincráticas do indivíduo. Além disso, as condições materiais em que o texto é produzido, vendido, comercializado e lido têm também um papel crucial a desempenhar¹⁵ (BASSNETT, 1998, p. 136; tradução nossa).

Esse produto está, portanto, enredado em um “conjunto de relações de poder que existem tanto no contexto de origem como no contexto de destino¹⁶” (BASSNETT, 1998, p. 137; tradução nossa). Afinal, a tradução em si é dialógica e envolve mais de uma voz. Sendo assim, tanto os Estudos da Tradução como da Cultura, requerem tal pluralidade e sempre envolverá o olhar para os processos de codificação e decodificação (BASSNETT, 1998, p. 138). A autora afirma que os problemas existentes na descodificação de um texto para um tradutor, por exemplo, vão além da língua em si. Por esse motivo, é importante compreender os elementos que são parte do processo de tradução.

Nessa via, Bassnett (1998, p. 137) aponta a perspectiva de Lawrence Venuti que argumenta que, “[...] desde a seleção de textos estrangeiros à implementação de estratégias de tradução, passando pela edição, revisão e leitura de traduções – [a tradução] é mediada pelos diversos valores culturais que circulam na língua de destino, sempre por alguma ordem hierárquica¹⁷” (tradução nossa). Dessa maneira, a

¹⁴ Termo proveniente da Escola da Manipulação ou “virada cultural”, na segunda metade do século XX – grupo de teóricos dos Estudos da Tradução (como Itamar Even-Zohar, Susan Bassnett e André Lefêvere) que explorou a prática da tradução através da abordagem descritiva – sistêmica, funcional e focada no texto-alvo, em contraste às abordagens prescritivas.

¹⁵ “*A writer does not just write in a vacuum: he or she is the product of a particular culture, of a particular moment in time, and the writing reflects those factors such as race, gender, age, class, and birthplace as well as the stylistic, idiosyncratic features of the individual. Moreover, the material conditions in which the text is produced, sold, marketed and read also have a crucial role to play*” (BASSNETT, 1998, p. 136).

¹⁶ “[...] *a set of power relations that exist in both the source and target contexts*” (BASSNETT, 1998, p. 137).

¹⁷ “[...] *from the selection of foreign texts to the implementation of translation strategies to the editing, reviewing and reading of translations — is mediated by the diverse cultural values that circulate in the target language, always in some hierarchical order*” (BASSNETT, 1998, p. 137).

atividade tradutória, principalmente no final do século XX, passa a ser um sinal de desestabilização cultural, fragmentação e negociação (BASSNETT, 1998, p. 137).

Nesse sentido de compreender quais são os elementos do processo tradutório, especialmente o de manipulação, André Lefevere (2007) discute a forte importância e “dimensão das estruturas de poder”, relacionando-a principalmente às questões de “interdependência e influência recíproca entre as traduções e as culturas receptoras” (MARTINS, 2010, p. 63). O teórico enfatiza a função das literaturas traduzidas dentro de cada sistema considerando seu papel fundamental na criação dos cânones. Lefevere procura mostrar, ainda “como a reescritura – tradução, antologização, historiografia, crítica, edição – influencia a recepção e a canonização de obras literárias” e “como a reescritura manipula obras literárias visando fins ideológicos e poetológicos diversos” (LEFEVERE, 2007, p. 9). O teórico apresenta a sua visão a respeito de alguns mitos da literatura, como “excelência estética”, “originalidade” e “inspiração”.

As contribuições de Susan Bassnett e André Lefevere para os Estudos da Tradução têm raízes nas propostas de estudos nascidas da concepção de Even-Zohar a respeito da literatura como um polissistema, e o termo manipulação surge para corroborar a perspectiva de que toda tradução possui um determinado grau de manipulação. Para o autor,

A tradução é, certamente, uma reescritura de um texto original. Toda reescritura, qualquer que seja sua intenção, reflete uma certa ideologia e uma poética e, como tal manipula a literatura para que ela funcione dentro de uma sociedade determinada e de uma forma determinada. Reescritura é manipulação, realizada a serviço do poder, e em seu aspecto positivo pode ajudar no desenvolvimento de uma literatura e de uma sociedade. Reescrituras podem introduzir novos conceitos, novos gêneros, novos artifícios e a história da tradução é também a da inovação literária, do poder formador de uma cultura sobre outra (LEFEVERE, 2007, p. 11).

A respeito de culturas Douglas Robinson (2002) observa a complexidade dos fenômenos e afirma que o olhar do tradutor para a cultura sempre foi presente e relevante. O foco de interesse dos trabalhos voltados à tradução, foi, especialmente, nas “palavras ou expressões tão forte ou exclusivamente arraigadas em uma cultura que são quase impossíveis de se traduzir em termos – verbais ou não – de outra” (ROBINSON, 2002, p. 300). O que o autor discute, é a maneira como o olhar para os debates em relação à cultura mudaram e enfatizam atualmente o “controle coletivo ou

na formação de conhecimentos culturais: o papel da ideologia [...] na construção e na manutenção dos conhecimentos culturais e no controle das transferências entre barreiras culturais” (ROBINSON, 2002, p. 302).

Douglas Robinson (2002) também discute os Estudos da Tradução e, especialmente, da formação do tradutor, conexo às relações interculturais. Afirma que “os textos se movimentam no espaço [...] ou no tempo”, e “as diferenças culturais existem, principalmente, em função da distância que percorrem, a distância do local ou da época em que foram escritas para o local ou a época em que são lidas; e podem ser marcadas pelo ato ou fato da tradução” (ROBINSON, 2002, p. 303). O autor nomeia de universalismo o alcance das obras periféricas, das vozes que antes não eram ouvidas e das culturas marginalizadas, que agora, por conta da tradução, são lidas e ouvidas. O tradutor e escritor americano observa a perspectiva atual dos Estudos da Tradução acerca do papel da ideologia “na construção e na manutenção dos conhecimentos culturais e no controle das transferências entre barreiras culturais” (ROBINSON, 2002, p. 302).

Nessa perspectiva ainda, o tradutor, crítico e teórico Lawrence Venuti (2019), concentra-se em colocar em evidência o papel e função do tradutor. Além de ver a tradução como “uma prática cultural” (VENUTI, 2019, p. 161), o autor discute que “nenhum ato de interpretação pode ser definitivo para todas as comunidades culturais”, e dessa maneira, a interpretação será “sempre local e contingente”. Como consequência, e marcados por diferentes fatores sociais e culturais, “os efeitos da tradução são imprevisíveis e potencialmente contraditórios” (VENUTI, 2019, p. 96).

Venuti (2002, p. 15) problematiza a visibilidade do tradutor considerando as condições e o modo como a tradução é estudada, pensando que a questão da marginalização da tradução é estratégica, pois supõe “que um estudo da periferia em qualquer cultura pode iluminar e, até mesmo, rever o centro. Contudo, no caso da tradução, da troca transcultural, as periferias são muitas, ao mesmo tempo domésticas e estrangeiras”.

Nessa via, a tradução é, para Venuti (2019, p. 137) considerada, com frequência, suspeita, uma vez que “[...] inevitavelmente domestica textos estrangeiros, inscrevendo neles valores linguísticos e culturais inteligíveis para comunidades domésticas específicas”, e essas marcas estarão presentes nos diferentes estágios do processo: “na produção, circulação e recepção da tradução”. Segundo o autor, é a

formação de identidades culturais o efeito que apresenta maiores consequências, considerando o poder que a tradução desempenha “na construção de representações de culturas estrangeiras” (VENUTI, 2019, p. 137). Assim,

[...] uma vez que as traduções são geralmente destinadas a comunidades culturais específicas, elas iniciam um processo ambíguo de formação de identidade. Ao mesmo tempo que a tradução constrói uma representação doméstica para um texto ou cultura estrangeiros, ela constrói um sujeito doméstico, uma posição de inteligibilidade que também é uma posição ideológica, informada pelos códigos e cânones, interesses e agendas de certos grupos sociais domésticos (VENUTI, 2019, p. 138).

A tarefa da tradução, portanto, “é tornar um texto estrangeiro inteligível em termos domésticos”, segundo Lawrence Venuti (2019, p. 164). Desse modo,

Talvez as identidades domésticas formadas pela tradução somente possam evitar os deslocamentos do texto estrangeiro quando as instituições regularem as práticas tradutórias de forma tão restritiva a ponto de apagar e assim anular as diferenças linguísticas e culturais dos textos estrangeiros (VENUTI, 2019, p. 164).

Uma comunidade cultural tem o poder de controlar a representação de uma determinada literatura estrangeira, e conseqüentemente, privilegiar “certos valores domésticos enquanto exclui outros e estabelecendo um cânone de textos estrangeiros que é necessariamente parcial porque está a serviço de certos interesses domésticos” (VENUTI, 2019, p. 145).

3.3.1 A atividade tradutória e as relações de poder

Não há como falar de formação de identidades culturais, portanto, sem implicar as relações de poder e de ideologia. Considerando o que já foi apresentado nesta pesquisa a respeito dos olhares receptivos das traduções de *Relato de um certo Oriente*, debater as imagens criadas a partir do papel do tradutor é relevante.

A professora e tradutora Maria Tymoczko (2013 p. 116) argumenta que é possível olhar para o papel do tradutor como agente ético e de mudanças sociais. Mas, de acordo com ela, as questões de ideologia são pertinentes também, pois a ideologia de uma tradução será uma mistura dos atos discursivos e suas camadas de representações tanto do texto de partida, como do público receptor. Tymoczko (2013) ressalta que quando falamos de ideologia da tradução, falamos também dos

diferentes níveis de escolha do tradutor, sua postura, e expressões que irão refletir na relevância do texto traduzido para o público-alvo. Dessa forma, é importante considerar que o tradutor não é invisível ou inoperante no seu texto, ou seja, o lugar de enunciação do tradutor é uma posição ideológica por si, tanto como é uma posição temporal e geográfica, de acordo Tymoczko (2013).

Nesse aspecto da invisibilidade é importante evocar a perspectiva de Lawrence Venuti em *The Translator's Invisibility: A History of translation* (2004), que apresentou contribuições importantes para os Estudos da Tradução. O teórico lançou luz à problemática das marcas da tradução, bem como, do apagamento do tradutor. De acordo com Venuti (2004), quanto mais fluente for a tradução, mais visível será o autor ou significado do texto estrangeiro, e, mais invisível será o tradutor. O autor enfatiza a importância da tradução para estrangeirizar os textos, justamente enfatizando as diferenças. Além disso, Venuti (2004) discute a responsabilidade ética do tradutor e seu papel transformador.

Esse ângulo é problemático quando aproximamos da visão de Maria Tymoczko ao argumentar a respeito do posicionamento que o tradutor assume. A tradutora (TYMOCZKO, 2013) indaga que o tradutor poderia ocupar um espaço denominado entre-lugar – que seria uma metáfora para falar de um posicionamento do tradutor que não é nem o ideológico, nem o do espaço físico cultural em que este tradutor está. Dessa maneira, a expressão *entre* é pertinente para enquadrar um local de onde o tradutor pode falar, que não é nem a sua cultura, nem a cultura do objeto traduzido.

Ao iniciar seus argumentos a respeito da posição do tradutor no que seria um lugar indefinido em relação a ideologia, Tymoczko cita Gideon Toury, e seguirá detalhando a discussão a respeito da posição do tradutor, com destaque ao argumento de que “textos traduzidos são ‘fatos’ de apenas uma língua e de uma única tradição textual, a saber, da cultura-alvo e que tradutores são ‘pessoas da cultura’ do sistema-alvo” (TYMOCZKO, 2013, p. 119). Esse primeiro argumento, compõe uma série de outras vozes que a autora traz para embasar sua análise, em busca de comprovar que o “não-lugar”, ou, o lugar indefinido não é o espaço do tradutor e não tem como ser.

Entre os tantos discursos analisados por Tymoczko (2013) visando entender os caminhos que levaram os estudos acadêmicos a delimitar esse espaço indefinido ao tradutor, a autora apresenta o senso histórico dos significados ligados à palavra

tradução e a questão de levar a cultura, realizada pelo tradutor – este como um herói, que precisa integrar a cultura para conseguir transportá-la. Além disso, a autora chega a sugerir que a forma mais convincente de se olhar para o tradutor no entre-lugar poderia ser através da lente do pensamento pós-estruturalista, uma vez que o conceito “entre” sugere que não apenas os polos, mas também todas as outras possíveis posições entre esses dois polos podem ser ocupadas.

Além da ideia de incerteza, promovida pelo termo “entre”, esse vem a ser coerente também com metáforas espaciais ao se pensar nos processos e na atividade da tradução, como “a dimensão física da interpretação, a história da tradução no ocidente e a história das palavras utilizadas para tradução em algumas línguas ocidentais” (TYMOCZKO, 2013, p. 134). Outro argumento trazido pela autora para sustentar a sua proposta da impossibilidade do entre-lugar para o tradutor.

O *entre* proposto em relação às línguas não está de acordo com a forma como vemos os sistemas hoje, considerando que não há como olhar para as línguas apenas para os seus significados internos, sem considerar os significados extralinguísticos. Nesse sentido, a autora defende que “metáforas de espaço da tradução podem ser úteis e talvez até naturais em alguns contextos que têm a ver com tradução”, como no ângulo dos binarismos estruturalistas, por exemplo. Porém, pensando na tradução “enquanto movimento de um sistema de linguagem e cultura para outro” (TYMOCZKO, 2013, p. 138), o *entre* é limitado e retoma às definições do século XIX quando se afastava os significados das formulações linguísticas.

Nesse âmbito, portanto, a reflexão de Tymoczko (2013) a respeito do posicionamento do tradutor, ressalta como a análise materialista da tradução ou ainda a pesquisa histórica dos Estudos da Tradução, não permitiriam enquadrar o conceito do tradutor no entre-lugar, uma vez que insistentemente esses estudos demonstram as diferentes especificidades da tradução em relação a ideologia – de uma forma ou de outra, sempre fundamentadas em questões políticas em diferentes épocas e lugares. Assim, a ideologia da tradução é um resultado da posição do tradutor, e essa, por sua vez, não tem como estar em um local indefinido, pois perderia seu propósito de existência, sendo uma definição incompatível com seus processos em essência. A autora defende que os tradutores ocupam, sim, um espaço delineado por toda sua bagagem cultural, espacial e temporal que são únicas e resultado de práticas e escolhas que refletem seu papel de agente de mudança social (TYMOCZKO, 2013).

4. O OLHAR DO OUTRO – AS TRADUÇÕES

A presente seção mostra uma análise das capas e algumas reflexões sobre a representatividade e recepção das traduções abordadas nesta pesquisa. As subseções a seguir aprofundam a análise dos trechos selecionados considerando a área temática cultural e a subárea escolhida para este trabalho: espaço – cidade.

O português é considerado uma língua periférica, “não pertence às grandes línguas literárias, ele não tem o mesmo prestígio, sobretudo o português do Brasil” (TORRES, p. 294). Ao falarmos, portanto, da tradução para o inglês de uma língua considerada periférica, muitas questões são levantadas em termos de recepção e crítica. Marie-Hélène Catherine Torres em *Traduzir o Brasil Literário* (2014) descreve e analisa “as impressões culturais deixadas pela literatura brasileira traduzida em francês no sistema cultural e literário francês”. Todavia, seu trabalho pode ser emprestado para a discussão aqui proposta, uma vez que sua pesquisa permeia os “textos de formação da identidade nacional e literária brasileiras (língua/cultura)” (p. 285). Um aspecto a ser observado é que:

Nossa contribuição ao mapa mundial das literaturas tende a apresentar o projeto literário brasileiro que só pode ter acesso [...] se for compreendido, uma vez que se a universalidade da literatura brasileira parece de alguma forma escapar aos centros, a literatura brasileira é desde já [...] um paradigma literário, ou seja, ela serve de medida, de modelo aos escritores e às literaturas “desprovidas” (TORRES, 2014, p. 290).

Nesse sentido, “cada território ‘linguístico’ compreende um centro que controla e polariza as produções literárias dependentes dele”, afirma Torres (2014, p. 288) ao citar Casanova. O espaço literário internacional “estrutura-se segundo o volume e a antiguidade de recursos literários, e também segundo o grau de autonomia (relativa) de cada espaço nacional”. Assim, a literatura brasileira preencheria os “critérios de autonomia”, no entanto, os escritores brasileiros não preenchem as normas estabelecidas para ser “promovida ao *ranking* das grandes literaturas pelas próprias grandes literaturas que estabelecem o universalismo” (TORRES, 2014, p. 291).

Sabemos que, em uma análise tradutória, ambas as sociedades recebem destaque, tanto a receptora da obra traduzida (que estabelece o que é traduzido e de que maneira), como a do texto fonte. Cecília Rodrigues (2015) realiza um estudo a respeito da internacionalização da literatura brasileira, com enfoque na produção de

Milton Hatoum que, de acordo com a análise, apresenta uma “reconfiguração do polêmico exotismo” ao levar a sua literatura para fora do Brasil. O estudo (RODRIGUES, 2015) afirma ainda, que, de certa maneira, “a narrativa de Hatoum satisfaz o leitor estrangeiro que busca o Brasil de sua imaginação”, e, ademais, há elementos no que concerne à linguagem, por exemplo, que evidenciam as “imagens poéticas e evocações sensoriais” criadas pelo autor a respeito do “universo árabe-amazônico”. Em níveis de conteúdo Hatoum também dialoga com o imaginário do leitor estrangeiro ao colocar em evidência fortes elementos da condição humana, e ainda vai além, redimensionando a imagem da região amazônica.

Rodrigues (2015, p. 1) discute, primordialmente, os estudos de Heilbron a respeito da categorização da representatividade da língua inglesa em um panorama mundial da tradução, sendo esta, a que ocupa uma posição hiper central (40% das traduções mundiais), quando o português está em posição periférica (entre 1 e 3% das traduções).

A internacionalização da literatura brasileira em termos de percepção cultural, política e tradução é discutida por Cristina Ferreira Pinto-Bailey (2019), que volta essa questão para a inserção da nossa literatura no âmbito mundial. Ela afirma que, apesar dos esforços e atuante participação em diálogos literários globais, a literatura brasileira “permanecerá como literatura ‘menor’ e vulnerável à apropriação indevida”. A estruturação do corpus da literatura mundial é comparada a uma corrida para o centro, em que a manutenção das categorias se resume a “maior” e “menor”; no entanto, “pertencer a esse *corpus* significa prestígio, e repercute no mercado editorial nacional”. Apesar disso, Pinto-Bailey (2019) aponta o fato de que as traduções de obras estrangeiras do mercado nos Estados Unidos, por exemplo, é uma resposta às “preferências do mercado editorial local”. Nessa perspectiva, há diferentes olhares para o que é traduzido – da crítica, dos leitores, do poder editorial estrangeiro –, e nem sempre os ângulos apontam para as mesmas relevâncias. Assim, conclui: “[...] o mercado global de livros não é influenciado pelos gostos do público leitor; ao contrário, é o mercado que molda as preferências dos leitores e determina em larga medida o que vão comprar” (PINTO-BAILEY, 2019).

Por este ângulo ainda, Maria Tymoczko (2002, p. 31) discute as demandas da patronagem ao promover reflexões a respeito da escrita pós-colonial e da tradução literária. De acordo com a autora,

As exigências da patronagem estão interligadas com questões de audiência, o que é um elemento importante nas normas e estratégias da tradução. Não só fatores como o sistema de crenças ou os valores de uma audiência afetam a estratégia da tradução, mas a própria natureza da audiência determinará as normas de tradução¹⁸ (TYMOCZKO, 2002, p. 31; tradução nossa).

Se falarmos de escritores pós-coloniais, a audiência internacional estará condicionada à tendência da internacionalização da literatura, de acordo com Tymoczko (2002, p. 31). O argumento embasa-se no fato de que é cada vez mais difícil definir tradições nacionais quando se trata do romance moderno, pois, visto como gênero internacional, os escritores são influenciados e influenciam escritores de diversas tradições linguísticas. Posto isso, Maria Tymoczko (2002, p. 31) lembra que a audiência internacional de um escritor pós-colonial, muitas vezes está ligada à necessidade de ser comercializado nos Estados Unidos (seja escrevendo em inglês ou traduzido para o inglês), sendo classificado como índice de sucesso considerando a hegemonia cultural e econômica americana.

Todos esses aspectos, são relevantes quando observamos a recepção de textos como *Relato de um certo Oriente* e seu peso de representação multicultural e com diferentes vozes. Dando importância aos diferentes sistemas e territórios linguísticos, bem como dos diferentes agentes do processo tradutório, apresenta-se nas seções a seguir, uma breve discussão a respeito dos textos traduzidos, seguido do embasamento teórico e análise.

4.1 THE TREE OF THE SEVENTH HEAVEN

A primeira tradução de *Relato de um certo Oriente*, citada nesta pesquisa como texto-alvo 1, publicada em 1994 pela Atheneum Books, nos Estados Unidos, foi realizada por Ellen Doré Watson, poeta, tradutora e professora americana, também conhecida pelo premiado trabalho de tradução para o inglês da poesia de Adélia Prado.

¹⁸ “The demands of patronage are intertwined with questions of audience, which is an important element in translation norms and strategies. Not only will factors such as the belief system or the values of an audience affect the translation strategy, but the nature of the audience itself will determine translation norms” (TYMOCZKO, 2002, p. 31).

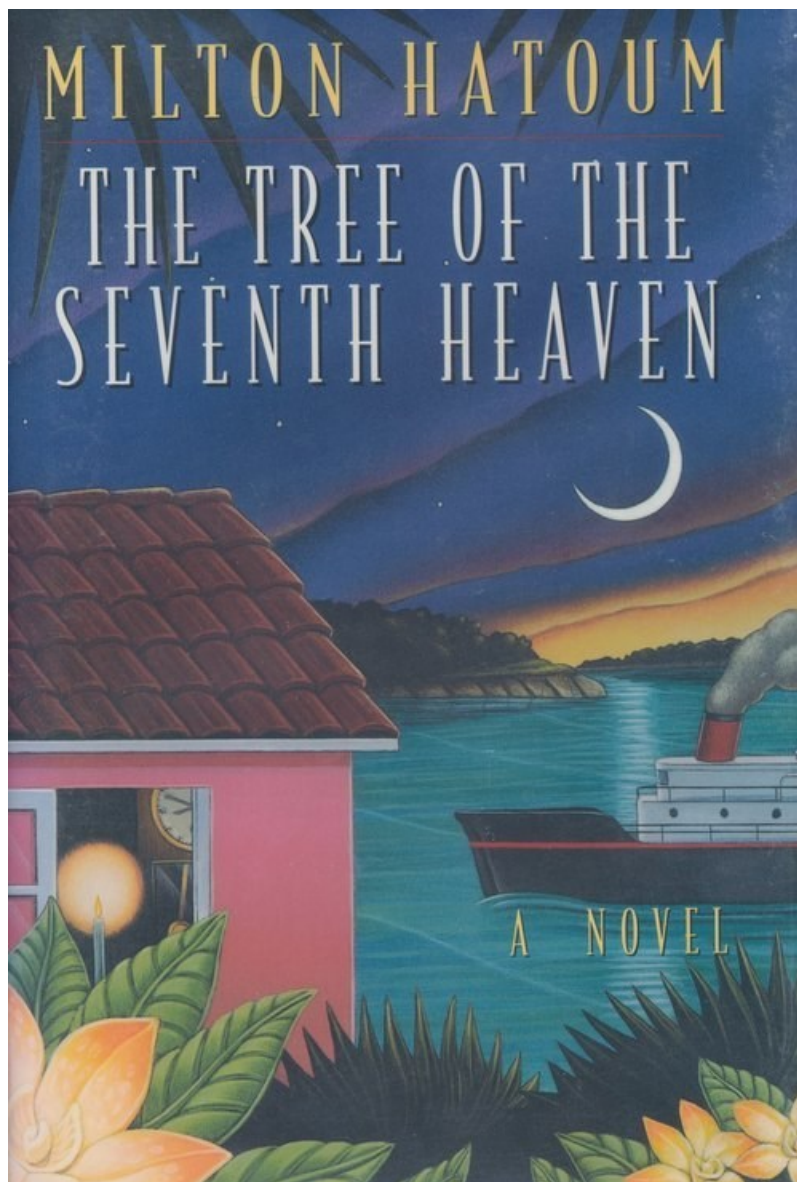
Em entrevista, ao ser questionada sobre sua fluência no português, a tradutora comenta a respeito de sua história com o Brasil, de sua experiência vivendo de forma imersiva no país, e conta que a autora Adélia Prado “diverte-se” com seus erros. E ela conclui: “sou bastante fluente de uma forma divertida¹⁹” (LITTRELL, 2019; tradução nossa).

Com o título *The Tree of the Seventh Heaven*, o romance foi recepcionado pelo *The New York Times* (BURNS, 1994) como delicado e sutil. O foco da crítica ficou em torno do mistério familiar dos imigrantes libaneses que se instalaram em Manaus, a cidade cosmopolita, isolada e perigosa, mas com muitas oportunidades, do rio Amazonas no início do século XX, no pós-guerra.

Erik Burns (1994) enfatiza o distanciamento semântico do título – a árvore do sétimo céu –, que oferece destaque ao místico e se afasta do significado apresentado no português – Relato de um certo Oriente – fazendo referência ao olhar para trás dos exilados. A tradução de Watson é considerada por Burns (1994) apta, no entanto, ele observa que o estilo narrativo do autor pode afastar e frustrar leitores com a insistência em não esclarecer os nomes, imagens e as relações familiares.

¹⁹ “I’m quite fluent in a funky kind of way” (LITTRELL, 2019).

Figura 3 - Capa do livro *The Tree of the Seventh Heaven*, de Milton Hatoum, publicado pela Editora Atheneum Books em 1994



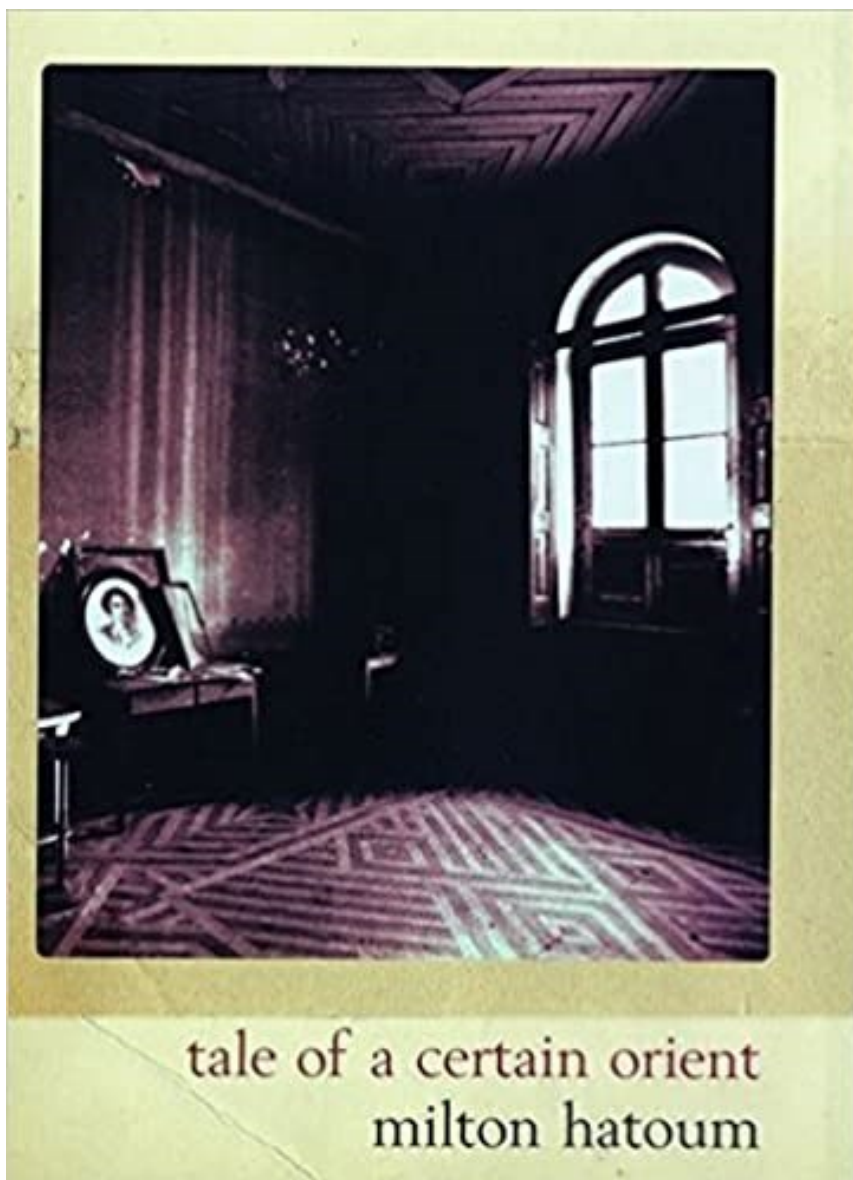
Fonte: Publishers Weekly (<https://www.publishersweekly.com/978-0-689-12165-4#:~:text=Milton%20Hatoum.,kept%20secrets%2C%20feuds%20and%20eccentricities.>)

4.2 TALE OF A CERTAIN ORIENT

Alguns anos depois, em 2004, a editora Bloomsbury, no Reino Unido, publicou uma edição revisada por John Gledson de *The Tree of the Seventh Heaven*, citada neste trabalho como texto-alvo 2, com a participação da primeira tradutora, Watson. Essa edição ganhou novo título: *Tale of a Certain Orient*. A revisão realizada em um

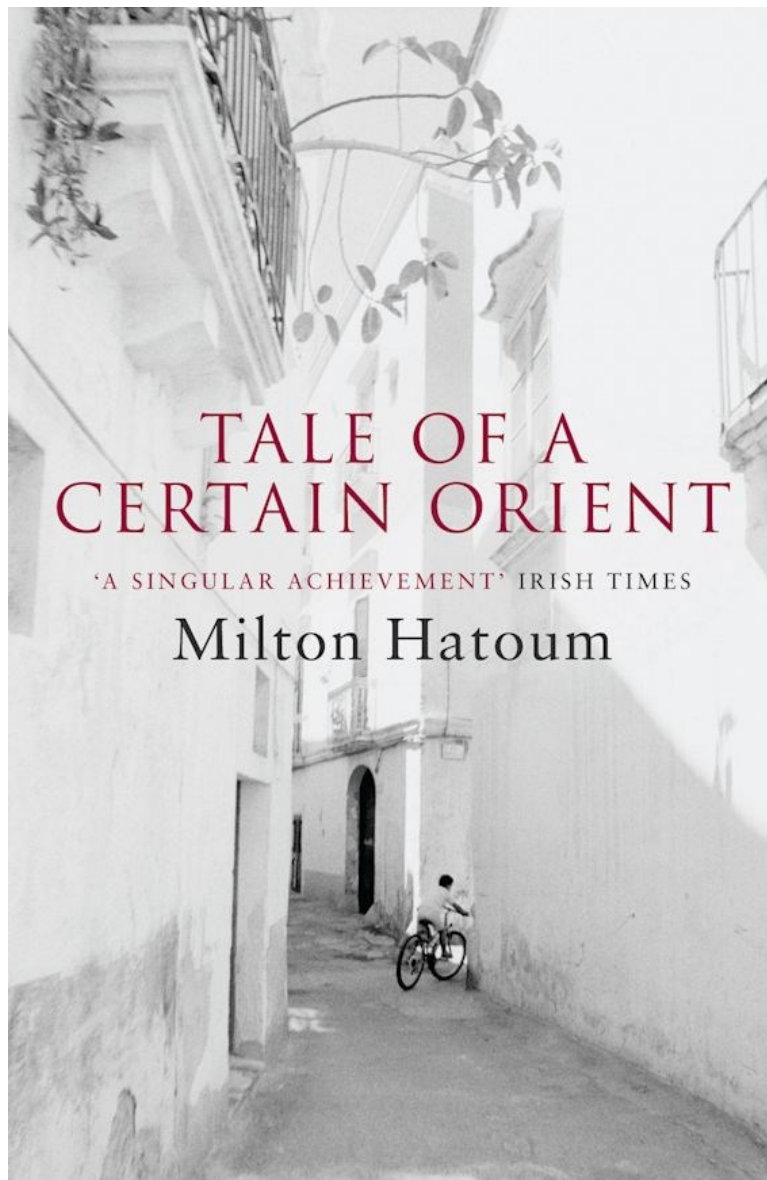
breve intervalo provavelmente pode justificar-se considerando o público-alvo – a primeira edição foi publicada pela editora de Nova York, e a revisão, em Londres.

Figura 4 - Capa do livro *Tale of a Certain Orient* de Milton Hatoum, publicado por Bloomsbury Publishing em 2004



Fonte: Kirkus Review (<https://www.kirkusreviews.com/book-reviews/milton-hatoum/tale-of-a-certain-orient/>)

Figura 5 - Capa do livro *Tale of a Certain Orient*, de Milton Hatoum, publicado por Bloomsbury Publishing em 2007



Fonte: Bloomsbury Publishing (<https://www.bloomsbury.com/in/tale-of-a-certain-orient-9780747569077/>)

A contracapa da edição da figura 5 apresenta recortes de resenhas de diferentes jornais e revistas literárias que avaliaram o romance:

“[...] Uma obra profundamente texturada, sofisticada, elegante, invulgarmente vívida e intrigantemente convincente’ *Irish Times*; ‘Perceptivo e cativante’ *Scottish Sunday Herald*; ‘Delicado e sutil’ *New*

York Times; 'Hatoum evoca habilmente um encontro realista entre o Oriente e o Ocidente' *Times Literary Supplement*²⁰ (HATOUM, 2008).

Ao analisar *Ashes of the Amazon*²¹ para o jornal *The Telegraph*, Laura Thompson (2008) aponta a admiração dos europeus por Hatoum, porém avalia que qualidades vitais do trabalho do autor podem ter sido perdidas na tradução, considerando sua demasiada e misteriosa sensibilidade. A crítica ainda observa que *Tale of a Certain Orient* introduziu os leitores ao mundo exótico de Manaus, que é um lugar diversificado e animado no meio da selva.

O artigo "The books you need to pack for a South American cruise", por Chris Moss (2019), também publicado no *The Telegraph*, apresenta uma viagem pela América do Sul por meio dos livros. O romance *Tale of a Certain Orient* é citado por captar a Manaus do início do século XX e suas representações étnicas e sociais.

4.3 ANÁLISE TRADUTÓRIA

Os teóricos até aqui discutidos fazem caminho para examinar as traduções de *Relato de um certo Oriente*, sendo, portanto, com essa lente que refletimos a respeito das escolhas e posições tomadas pelos tradutores do romance. Também trilhamos os caminhos abertos por Antoine Berman (2007, p. 97) sobre as possibilidades das traduções: "abrir o estrangeiro a seu próprio espaço de língua. Abrir é mais que comunicar: é revelar, manifestar".

Nessa perspectiva, é relevante aproximar ainda as considerações de Lawrence Venuti (2019) acerca da tradução estrangeirizante, nomeada pelo teórico americano como 'minorizante'. Para Venuti (2019, p. 24) "a língua nunca é simplesmente um instrumento de comunicação, empregado por um indivíduo de acordo com um sistema de regras". Isto posto, e dialogando com Berman (2007), o teórico elege o método estrangeirizante, também nomeado de minorizante, como prática de uma tradução, que aproxima o leitor do texto fonte mantendo os resíduos estrangeiros, assim como as características originárias. Para Venuti (2019),

²⁰ "[...] A profoundly textured work that is sophisticated, elegant, unusually vivid and intriguingly convincing' *Irish Times*; 'Perceptive and captivating' *Scottish Sunday Herald*; 'Delicate and subtle' *New York Times*; 'Hatoum skilfully evokes a realistic encounter between East and West' *Times Literary Supplement*" (HATOUM, 2008).

²¹ Tradução do romance *Cinzas do norte*, de Milton Hatoum.

É essa evocação do estrangeiro que me atrai para as literaturas menores nos meus projetos de tradução. Prefiro traduzir textos estrangeiros que possuem *status* de minoridade em suas culturas, uma posição marginal em seus cânones nativos – ou que, em tradução, possam ser úteis na minorização do dialeto-padrão e das formas culturais dominantes no inglês americano. Essa preferência provém, parcialmente, de uma agenda política que é amplamente democrática: uma oposição à hegemonia global do inglês. A ascendência econômica e política dos Estados Unidos reduziu as línguas e as culturas estrangeiras a minorias em relação à sua língua e cultura. O inglês é a língua mais traduzida em todo o mundo, mas para a qual menos se traduz [...], uma situação que identifica a tradução como um lugar potencial de variação (VENUTI, 2019, p.26).

Contrastante à tradução estrangeirizante, Venuti (2019, p. 30) discute uma tradução fluente e assimilativa que “apresenta aos leitores domésticos uma representação realista conjugada com seus próprios códigos e ideologias como se fosse um encontro imediato com um texto e uma cultura estrangeiros”. Portanto, “o discurso heterogêneo” representado na tradução minorizante deve resistir a essa ética assimilativa ao salientar as diferenças linguísticas e culturais do texto”.

Nessa via de reflexão, Venuti (2019, p. 27) concorda com Berman ao afirmar “suspeitar de qualquer tradução literária que mistifica essa domesticação inevitável como um ato comunicativo sem problemas. A boa tradução é desmistificadora: manifesta em sua própria língua a estrangeiridade do texto estrangeiro”.

4.4 SELEÇÃO E DESCRIÇÃO

Os estudos das redes temáticas e significantes, bem como os procedimentos técnicos da tradução discutidos nas subseções a seguir, são elementares na análise proposta nesta pesquisa. Os teóricos selecionados oferecem ferramentas que instrumentalizam a localizar formas de tradução dos aspectos propostos nos objetivos específicos desta pesquisa. A seleção dos trechos para análise é composta pela área principal: cultura. As subáreas: espaço - cidade, dialogam com os elementos culturais e revelam a busca por identificação dos personagens, e como essa relação é manifesta e transposta pela narradora nas imagens da cidade de Manaus no sexto capítulo.

4.4.1 Redes temáticas e cadeia de significantes

O teórico francês Antoine Berman (2007) defende a tradução literalizante, e desenvolve discussão sobre o que, de fato, seria uma tradução “literal” – conceito por ele definido como “poético” e, assim, “criativo”. A tradução palavra por palavra não é o ponto, e nem mesmo a reprodução, mas uma literalidade distinta que age sobre a letra, para além do sentido, e insiste em dois termos: “experiência” e “reflexão”, promovidas pela “tradutologia: a reflexão da tradução sobre si mesma a partir da sua natureza de experiência” (BERMAN, 2007, p. 19). Ele propõe uma tradução sobre a *letra*, que deve ser ética, poética e pensante.

Muitas classificações da tradução são refutadas por Berman (2007), como a tradução “etnocêntrica”, a tradução “hipertextual”, assim como o afastamento “platônico” entre letra e sentido. Tais refutações implicam diretamente na crença da superioridade entre as línguas envolvidas no processo tradutório. Racionalização, alongamento, clarificação, empobrecimento, homogeneização, enobrecimento, entre outras, são as deformações que a proposta de Antoine Berman (2007) busca contornar, a fim de não deformar a letra.

A tradução é experiência, “é sujeito e objeto de um saber próprio” (BERMAN, 2007, p. 18). Tal experiência refere-se às obras, assim como “do ser-obra, das línguas e do ser-língua”, e, segundo o autor, “toda prosa apresenta uma certa proliferação de significantes e de cadeias (sintáticas) de significantes” (BERMAN, 2007, p. 54). É válido, de acordo com o autor, a busca de traduzir os significados produzidos através da relação das frases e expressões com outros contextos e vocábulos, sejam eles extrínsecos ou intrínsecos ao texto.

Carolina Geaquinto Paganine (2013) propõe reflexões a respeito dos estudos de Berman e as cadeias de significantes. Ao discutir as redes lexicais, Paganine (2013, p. 255) afirma que elas “contribuem diretamente para a construção e para a inferência do tema do texto, além de ajudarem junto com os outros tipos de coesão, a conectar e relacionar os vários segmentos textuais, produzindo uma coerência interna”.

Nesse sentido, para os Estudos da Tradução,

[...] a tradução de cada termo não deve ser pensada isoladamente, mas sim a partir de uma visão geral sobre a cadeia de significantes à qual o termo pertence, conferindo especial atenção ao modo como os termos se relacionam. Não basta traduzir termo por termo, é preciso também traduzir a relação entre eles (PAGANINE, 2013, p. 255).

Dessa forma, relações são estabelecidas através das redes ou cadeias de “termos sinônimos ou quase sinônimos” e, ainda, por meio dos “termos que estão associados semanticamente entre si pela frequência de uso conjunto” (PAGANINE, 2013, p. 255).

O encadeamento sugerido no idioma de partida deve estar presente na tradução, de acordo com Berman (2007). O teórico francês observa que os significados podem se perder no processo tradutório e estabelece o conceito de *analítica da tradução*, que se refere a uma analítica de duplo sentido:

[...] da análise, parte por parte, desse sistema de deformação, portanto de uma ‘análise’ no sentido cartesiano da palavra. Mas também no sentido psicanalítico, na medida em que esse sistema é grandemente inconsciente e se apresenta como um leque de tendências, de *forças* que desviam a tradução de seu verdadeiro objetivo. A analítica propõe-se colocar em evidências essas forças e mostrar os pontos sobre os quais elas agem. Ela concerne em primeiro lugar à tradução etnocêntrica e hipertextual, onde o jogo das forças deformadoras se exerce livremente, sendo, por assim dizer, sancionado cultural e literariamente (BERMAN, 2007, p. 45).

A respeito das redes lexicais Mona Baker em *In other words: a coursebook on translation* (1992) discute a importância das relações dos vocábulos no texto, assim como a coesão lexical. Compreende-se que sua proposta é relevante para a abordagem de análise relacionada à transposição cultural, especialmente os conflitos, assimetrias e diferenças demarcados pelos narradores de *Relato de um certo Oriente* e seus textos-alvo, e que são representados nas subáreas analisadas: cidade e identidade.

Baker (1992) evidencia a importância da abordagem que foca na organização lexical presente no texto e afirma:

[...] ao analisar um texto, um tradutor não se preocupa em isolar fenômenos ou itens para os estudar em profundidade, mas sim em traçar uma **teia de relações**, sendo a importância de os itens individuais serem determinados pela sua relevância e função no texto²² (BAKER, 1992, p. 229; tradução e grifo nosso).

²² “[...] in analysing a text a translator “is not concerned with isolating phenomena or items to study them in depth, but with tracing a web of relationships, the importance of individual items being determined by their relevance and function in the text” (1988: 69)” (BAKER, 1992, p. 229).

Nesse sentido, a noção de significado instintivo é óbvia, de acordo com Baker (1992, p. 229), e os significados dos itens lexicais individuais dependem das redes de relações presentes no texto, ou seja, as redes lexicais proporcionam não apenas coesão ao texto, mas determinam coletivamente o sentido que cada item é utilizado em cada contexto para criar interpretação das teias, assim como as teias lexicais colaboram para fornecer textura ao texto.

Importante também salientar, de acordo com Baker, que mudanças significativas podem ocorrer, considerando o potencial significado que um item lexical possui não é absoluto ou incondicional:

Não se pode simplesmente fazer com que qualquer palavra signifique o que quer que ela signifique. O que isto sugere, com efeito, é que, por muito que se tente, **é impossível reproduzir redes de coesão lexical num texto alvo que sejam idênticas às do texto de origem**. Se não se conseguir fazer com que uma palavra signifique o que se quer que signifique, poderá ter de se contentar com um significado ligeiramente diferente ou com associações diferentes²³ (BAKER, 1992, p. 230; tradução e grifo nosso).

4.4.2 Procedimentos técnicos da tradução

Para análise das estratégias utilizadas nas traduções de *Relato de um certo Oriente* utiliza-se nesta pesquisa o artigo “Procedimentos técnicos de tradução – Uma proposta de reformulação” de 2009, desenvolvido por Rafael Lanzetti, Danielle Bessa, Fabiana Guedes, Rosana de Freitas e Vinícius Cruz de Moura.

Os procedimentos técnicos da tradução são ações de natureza técnica e linguística praticadas pelos tradutores com o objetivo de “realizar pragmaticamente o processo de tradução”. Lanzetti et al. (2009) propõem esse modelo embasados em duas categorias principais de procedimentos: os domesticadores e os estrangeirizadores, e explicam:

Os **procedimentos estrangeirizadores aproximam o texto de chegada do texto original** através do recurso de manutenção de itens lexicais, estruturas e estilo. Os **procedimentos domesticadores afastam o texto**

²³ “You simply cannot make any word mean whatever you want it to mean. What this suggests, in effect, is that as hard as one might try, it is impossible to reproduce networks of lexical cohesion in a target text which are identical to those of the source text. If you cannot make a word mean what you want it to mean, you might have to settle for one with a slightly different meaning or different associations” (BAKER, 1992, p. 230).

de chegada do texto original, aproximando a tradução das estruturas linguísticas e da realidade extratextual da língua e da sociedade-alvo (LANZETTI et al., 2009, p. 3; grifo nosso).

As estratégias de Lanzetti et al. (2009) colaboram para a análise de *Relato de um certo Oriente* e seus textos-alvo, e que podem conferir visibilidade aos aspectos culturais ali representados.

Os autores realizaram “uma proposta de reformulação, recategorização e ampliação da tabela de procedimentos técnicos de tradução compilada por Heloisa Barbosa em seu livro *Procedimentos técnicos de tradução: uma nova proposta de 1990*” (LANZETTI et al., 2009, p. 1). O trabalho de Lanzetti et al. (2009) resume-se conforme quadro a seguir:

Quadro 1 - Procedimentos técnicos de tradução - Lanzetti et al. (2009)

Procedimentos técnicos da tradução			
PROCEDIMENTOS ESTRANGEIRIZADORES			
Tradução palavra-por-palavra			
Manutenção			
<u>De itens lexicais do texto fonte (empréstimo)</u>	<u>De estruturas sintáticas do texto fonte</u>	<u>Do estilo do texto fonte</u>	<u>De itens culturais da cultura-fonte</u>
Sem aclimação (empréstimo direto)	Manutenção da ordem dos elementos sintáticos	Manutenção do uso de sinais de pontuação	
		Manutenção do registro	
		Manutenção do layout	
Com aclimação (aportuguesamento)		Manutenção do uso de voz passiva/ativa	
		Manutenção do uso de coordenação/subordinação	
Decalque		Manutenção do uso de marcadores do discurso	
Hibridismo	Manutenção do uso de referências		
PROCEDIMENTOS DOMESTICADORES			
<u>Domesticação do sistema linguístico</u>	<u>Domesticação do estilo</u>	<u>Domesticação da realidade extralinguística</u>	

Transposição			Omissão	Transferência	
Modulação			Explicação	Explicação	Intratextual Para-textual
Equivalência	De expressões idiomáticas, ditados, provérbios, etc.	Funcional	Generalização (uso de hiperônimo)		Ilustração
Sinonímia			Especificação (uso de hipônimo)		
Paráfrase			Compensação	Ibidem	
				Álibi	
			Reconstrução	Sintática	
				Semântica	
			Equivalência estilística (melhoria)		
			Mudança de registro		
			Mudança de complexidade/fluidez estilística		
Adaptação					

Fonte: Adaptado de Lanzetti et al. (2009).

Para esta pesquisa, tais procedimentos serão explorados ao passo que forem identificados em cada fragmento selecionado para análise nas seções a seguir. Serão considerados os procedimentos domesticadores e estrangeirizadores, a fim de descrever as tendências tradutórias empreendidas nas traduções) aqui analisadas, com a clareza de que “as fronteiras entre os procedimentos não são estáticas e por vezes podem se apresentar congruentes” (LANZETTI et al., 2009, p. 19). Buscou-se estabelecer conexões com os procedimentos discutidos pelos autores, observando-se, sobretudo, o que tange à dificuldade de estipular limites entre os procedimentos técnicos da tradução, considerando que:

[...] um procedimento pode requerer outro, ser mesclado com um terceiro, ou mesmo ser consequência de um quarto. Talvez, na atividade tradutória, alguns dos procedimentos e estratégias que os sujeitos utilizam não façam parte dessas categorizações. Algumas vezes, os procedimentos e estratégias podem aparecer acoplados uns aos outros, e seria difícil dizer onde termina um e começa outro, ou qual deles está numa posição superior na hierarquia de uma determinada ação (LANZETTI et al., 2009, p. 2).

4.4.3 Abordagem descritivista

A análise tradutória requer a escolha dos pressupostos teóricos que fornecem as ferramentas necessárias para análise do texto. A perspectiva dos Estudos Descritivos da Tradução embasou as discussões apresentadas nesta pesquisa, bem como, a análise do capítulo 6 narrado pela narradora-protagonista de *Relato de um certo Oriente*.

Considerando, portanto, a abordagem descritivista, baseando-se na Teoria do Polissistema de Even-Zohar, o também israelense, Gideon Toury (2012), formula a teoria dos Estudos Descritivos da Tradução (EDT), considerando as culturas como polissistemas, e cujos sistemas, heterogêneos e dinâmicos, são passíveis de descrição e análise. A proposta dos EDT aplica em produtos culturais os princípios de métodos científicos e “em vez de prescrever como uma boa tradução deveria ser” a abordagem tenta “dizer como as traduções são ou como poderiam ser” (PYM et al., 2016, p. 217).

A abordagem descritivista implica o desejo de manter a noção de equivalência, o que de acordo com Toury (2012), várias abordagens contemporâneas tentaram eliminar. Sendo assim, o olhar agora não é para um único tipo de relação existente na tradução, mas, sim, um conjunto específico de circunstâncias, que dependerá da posição ocupada pela tradução na cultura alvo.

Entre as tantas influências possíveis no processo tradutório, de acordo com Even-Zohar (1990), a instituição e o mercado merecem destaque entre os agentes do sistema literário. Eles são relevantes ao direcionar a função que a tradução desempenhará no sistema literário receptor, e, assim, conduz o tradutor nas escolhas que este faz, especialmente no que se refere se a cultura predominante na obra traduzida será a de recepção ou de produção.

Toury (2012) afirma que as normas tradutórias são entidades instáveis, suscetíveis a mudanças. No entanto, os tradutores não são passivos diante dessas mudanças, pois, de acordo com o autor, a própria atividade tradutória molda o processo. Essas apontariam as tendências ou os modelos adotados pela instituição literária, revelando poéticas, aproximação ou distanciamento da cultura de chegada e valores partilhados pelos agentes do polissistema literário e cultural. O autor vê a tradução como fenômeno da cultura de chegada, e nessa perspectiva, “as traduções desempenham um papel no desenvolvimento dos sistemas culturais” (PYM et al., 2016, p. 217).

A proposta enfoca o texto da cultura de chegada, mas não nega a relevância do texto fonte. Assim, o autor (TOURY, 2012) discute dois princípios a serem apurados na análise tradutória, e que podem ser encontrados em um único texto traduzido, entretanto, um deles predominará no texto-alvo. O primeiro deles é o de aceitabilidade, quando a tradução se afasta do texto fonte, uma vez que os elementos linguísticos, estruturais e culturais tendem para a cultura de recepção a fim de que a tradução não tenha tal status diante do público leitor.

O segundo conceito apurado por Toury (2012) é o de adequação, e está relacionado à tradução que se aproxima ao texto fonte mantendo fatores culturais característicos do contexto de produção, e nesse caso, a tradução está mais próxima de uma estrangeirização, quando os elementos linguísticos e culturais, por exemplo, podem causar estranhamento no leitor.

A conceituação de Lawrence Venuti (2019), mencionadas na subseção 4.3 desta pesquisa, no que tange à domesticação e estrangeirização, assemelha-se ao proposto por Gideon Toury (2012) com relação às normas de tradução. A análise aqui desenvolvida destaca qual princípio predominou no capítulo analisado de *Relato de um certo Oriente*, considerando o elemento cultural espaço-cidade.

Ainda nessa via, avaliando, portanto, que a tradução e cultura não podem ser dissociadas, para Toury (2012) a tradução é gerida por normas. Dessa forma,

[...] quando os tradutores, editores, críticos, professores, ilustradores ou prefaciadores decidem seguir ou não as normas literárias e tradutórias vigentes no seu polissistema cultural, expressam sua posição de conformação ou não com os padrões válidos e externam os valores incorporados por eles como parte de sua formação e da convivência dentro de sua sociedade (RUFFINI, 2015, p. 33).

Tais normas podem influenciar todas as fases do processo tradutório e o autor (TOURY, 2012) as divide em três conjuntos: iniciais, preliminares e operacionais. A Norma Inicial, de acordo com a hierarquia de influência no texto-alvo, é a que representa maior efeito na escolha, uma vez que aponta qual dos princípios (adequação ou aceitabilidade) predominará no texto traduzido.

O outro conjunto é o das Normas Preliminares, que são as decisões dos agentes literários, e abarcam a direção e a política da tradução, como: a decisão de qual texto será traduzido e inserido (ou não) na cultura alvo. Tais políticas estão

ligadas às editoras e as regras de veiculação. No que se refere às traduções para o inglês de *Relato de um certo Oriente* aqui analisadas, essa escolha não é conhecida.

As Normas Operacionais são o terceiro conjunto de normas classificado por Gideon Toury (2012) e são divididas em matriciais e textuais. Elas referem-se à maneira como os elementos linguísticos do texto fonte são aplicados na tradução. As textuais apontam para as escolhas linguísticas realizadas pelo tradutor ou editor. Enquanto as normas matriciais remetem a quaisquer modificações na estrutura da obra – acréscimos ou omissões – que diferenciam o texto traduzido do texto fonte.

No que tange aos textos analisados nesta pesquisa, não há acréscimo, extensão ou omissão de trechos, ou alterações que tenham afetado significativamente a divisão textual. Uma mudança relevante nos textos-alvo 1 e 2 é uma inclusão de títulos nomeados. No texto fonte os capítulos são apenas numerados, o que torna um trabalho de decifragem por parte do leitor, a fim de identificar quem é o narrador daquele capítulo. Nos textos-alvo 1 e 2 este caminho não existe para o leitor, uma vez que o nome dos narradores são o título dos capítulos.

Gideon Toury (2012), portanto, embasa a análise das normas de tradução, enquanto, José Lambert e Hendrik Van Gorp (2006) auxiliam na descrição das traduções. Os autores discorrem a respeito de como as pesquisas podem contribuir para os Estudos Descritivos da Tradução por meio das análises dos processos tradutórios. O esquema especialmente nos aspectos do macronível e do micronível, são utilizados para analisar o capítulo de *Relato de um certo Oriente*.

Lambert e Van Gorp (2006) apresentam algumas possibilidades de análise, embasada nos EDT, e utilizando o esquema proposto por eles temos: 1. Dados preliminares; 2. Macronível; 3. Micronível; 4. Contexto sistêmico. Os dados preliminares descrevem as estratégias gerais da tradução e estão relacionadas aos metatextos, como título, prefácio, notas de rodapé, etc. Já o macronível refere-se aos elementos macrotextuais da obra, ou seja, os títulos dos capítulos e suas divisões, a estrutura interna da narrativa e etc. O micronível está ligado aos elementos microtextuais da obra, ou seja, narrativa, perspectiva, padrões gramaticais dominantes, seleção de palavras, níveis de linguagem etc., que serão ainda abordados na próxima subseção. O contexto sistêmico traz para a descrição da tradução as relações intersistêmicas e intertextuais, evidenciando as oposições presentes entre micro e macroníveis, ou, ainda, entre texto e teoria.

Algumas relações são mencionadas no esquema de Lambert e Van Gorp (2011, p. 211), e evidenciamos as que serão analisadas nesta pesquisa: T1 – T2 – relações entre textos individuais, ou seja, entre o original e sua tradução; e A1 – T1 com T2 – R2 - pragmática e recepção nos sistemas fonte e alvo.

Como apontado por Lambert e Van Gorp (2011, p. 212), “nenhum texto traduzido será inteiramente coerente em relação ao dilema ‘adequado’ versus ‘aceitável’”. Nesse sentido, verificamos nos trechos selecionados para esta análise, uma alternância entre as orientações ao longo das traduções para o inglês de *Relato de um certo Oriente*.

Ainda em relação ao esquema apresentado pelos autores, observamos que a forma de análise é teórica e hipotética, e:

[...] compreende todos os aspectos funcionalmente relevantes de uma determinada atividade tradutória em seu contexto histórico, inclusive o processo da tradução, suas características textuais, sua recepção e até mesmo seus aspectos sociológicos como distribuição e crítica da tradução (LAMBERT E VAN GORP, 2011, p. 213).

Uma análise nessa proposta elenca prioridades específicas, e, a questão central, portanto, é a da equivalência: “a tradução em questão é orientada para o sistema-alvo (aceitável) ou para o sistema-fonte (adequada)?” (LAMBERT E VAN GORP, 2011, p. 213). Assim, tanto o processo de tradução, como o texto resultado da tradução e sua respectiva recepção, podem ser objeto de análise de diferentes perspectivas, tanto macroestrutural como microestrutural.

A escolha do sexto capítulo, para análise dos elementos culturais do eixo temático espaço-cidade, se dá pelo fato de este se apresentar como chave ao conectar pontos importantes do relato. A narradora-personagem faz pontes importantes e explana assuntos inacabados nos capítulos anteriores. Quando não encontra Emilie em casa, a narradora sai para passear em Manaus, e encontra uma cidade muito diferente do que se recorda da última vez, quase duas décadas antes, e ainda no início da caminhada, afirma: “[...] eu não queria ser uma estranha, tendo nascido e vivido aqui” (HATOUM, 2008, p. 110).

Os trechos representam a frustração e aflição da narradora ao deparar-se com uma Manaus irreconhecível e decadente. O espanto da narradora-personagem apresenta uma riqueza de atributos e expressões, que compõem um capítulo composto por muitas metáforas, que aproximam e comparam os objetos e elementos

da cidade com os conflitos internos da personagem. Muitos dos elementos mencionados pela narradora no texto fonte são representativos da cultura local.

Nos textos-alvo 1 e 2, o capítulo é apresentado com o título: “The Return”, representando e antecedendo a jornada da narradora, que retorna à cidade que guarda seu passado. Como explanado anteriormente, o texto fonte não apresenta nome na introdução dos capítulos, apenas números.

Esta análise descritiva do processo de tradução para o inglês do capítulo seis de *Relato de um certo Oriente* tem o intuito de destacar alguns aspectos dos níveis micro e macro. O aporte teórico do esquema para análise de traduções de Jose Lambert e Hendrik Van Gorp (2011), assim como as normas de tradução teorizadas por Gideon Toury (2012) são basilares nas observações, bem como os procedimentos técnicos da tradução de Lanzetti et al. (2009).

4.5 ELEMENTOS CULTURAIS: ESPAÇO – CIDADE

Identificar as marcas culturais não é uma tarefa simples, como afirma Aubert (2006), uma vez que “a própria conceituação do que vem a ser uma marca cultural expressa em determinado texto ou ato de enunciação é questão passível de controvérsia”. Assim, no micronível dos textos traduzidos, referindo-se às modificações estilísticas, léxicas e sintáticas, selecionamos para esta análise trechos do capítulo seis que contém marcas relativas ao espaço – cidade. Optou-se pela seleção tanto de elementos referente ao espaço – cidade que contém relevante marca cultural – como “igarapé”, “cidade ilhada” e “sobrado” – como ocorrências ‘comuns’ relativas ao ambiente da cidade: “praça”, “banco” ou “rio”.

As decisões tradutórias nesse aspecto, do espaço da cidade, alternam-se entre aceitáveis e adequadas, e revelam diferentes pontos de vista. Importante salientar que os textos-alvo em questão pertencem a diferentes sistemas, e, certamente, esse fator determina as estratégias utilizadas. Ademais, observamos ainda que a editora do texto alvo 2 (*Tale of a Certain Orient*) destaca na lombada da edição utilizada nesta pesquisa, que o texto é uma edição revisada do texto alvo 1 (*The Tree of the Seventh Heaven*).

Relevante notarmos em relação aos metatextos dos dados preliminares de Lambert e Van Gorp (2011), que nenhum dos textos alvo apresentam notas de rodapé.

No entanto, o texto alvo 2 contém um glossário, que incluímos no Anexo A desta pesquisa, com vinte e nove palavras, majoritariamente relacionadas ao contexto cultural manauara e amazônico, como árvores, frutas e ervas. Esse elemento paratextual é classificado por Lanzetti et al. (2009) como um procedimento técnico de domesticação da realidade extralinguística, qualificado como explicação, e “é utilizado quando o tradutor acrescenta, no texto-alvo, um aposto elucidando a composição ou função de um determinado elemento da cultura a que pertence o texto fonte”.

Com isso em consideração, prosseguimos para o destaque dos trechos que contém léxico que faz menção ao espaço, especificamente, à cidade no texto fonte. Como ao longo de todo o texto, os longos e descritivos parágrafos do texto fonte – como o exemplificado no Quadro 3 abaixo – se repetem nos textos-alvo, não havendo alteração significativa na estrutura narrativa interna, na maior parte do capítulo. Observam-se alguns parágrafos divididos em duas partes nos textos alvo 1 e 2, que no texto fonte são parte de um único parágrafo maior.

Além disso, o capítulo inicia no texto fonte com abertura do sinal de aspas indicando discurso direto, o que não ocorre em nenhum dos textos alvo. Enquadramos esse aspecto como procedimento domesticador de estilo nomeado mudança de complexidade/fluidez estilística, cunhado por Lanzetti et. al. (2009), uma vez que essa decisão textual dos tradutores pode estar relacionada também à escolha dos títulos dos capítulos, que identificam e ou indicam o que virá.

O Quadro 2 apresenta alguns dos itens lexicais do eixo temático espaço da cidade, e suas ocorrências e respectivas traduções no texto alvo. Após esses dados, trechos que contém elementos do eixo temático proposto nesta pesquisa, foram destacados e analisados.

Observa-se que as escolhas tradutórias para os elementos referente ao espaço da cidade, como praça, monumentos e banco – respectivamente, “*square*”, “*monuments*” e “*bench*”, aproximam-se do significado proposto pelo texto fonte.

Quadro 2 - Seleção de alguns termos referente ao léxico espaço-cidade

Termos no texto fonte	Ocorrências no capítulo 6	Termos nos textos alvo 1 e 2
banco	05	bench
cais	04	dock
cidade	17	city

ponte	03	bridge
praça	10	square
margem do rio	01	riverbank

Fonte: Elaborado pela autora.

A seguir, o primeiro trecho selecionado representa um dos extensos parágrafos em que a narradora descreve as primeiras impressões do seu passeio por Manaus, no retorno após quase vinte anos:

Quadro 3 - Excerto 1

Texto fonte (HATOUM, 2008, p. 108)	Texto alvo 1 (HATOUM, 1994, p. 149)	Texto alvo 2 (HATOUM, 2007, p. 148)
Nenhuma parede ou coluna parecia faltar às construções mais antigas; os leões de pedra, o javali e a Diana de bronze permaneciam nos mesmos lugares da praça , entre as acácias e os bancos onde as pessoas sentadas ou deitadas contemplavam as telhas de vidro do coreto e os répteis rumando à beira do lago, atraídos pela sombra das garças e jaburus que dormiam ou fingiam dormir, equilibrados por hastes finíssimas que sumiam na água. Num dos bancos, a meio caminho do coreto e das duas gigantescas sentinelas de bronze [...]	Not a single wall or column seemed to be missing from the most ancient buildings , and the stone lions, the wild boar, and the bronze Diana were still posed in their places in the square , surrounded by acacias and park benches where people reclined to contemplate the stained-glass tiles on the bandstand or the iguanas and alligators heading for the edge of the lake, attracted by shadows of herons and jabiru who slept or pretended to sleep balanced on thin, thin stalks that disappeared in the water. Here was the bench, halfway between the bandstand and the two huge bronze sentinels [...]	Not a single wall or column seemed to be missing from the most ancient buildings , and the stone lions, the wild boar, and the bronze Diana were still in their places in the square , surrounded by acacias and park benches where people sat or reclined to contemplate the glazed tiles on the bandstand or the iguanas and alligators heading for the edge of the lake, attracted by shadows of herons and jabiru storks who slept or pretended to sleep balanced on thin, thin stalks that disappeared into the water. Here was the bench, halfway between the bandstand and the two huge bronze sentinels [...]

Fonte: Elaborado pela autora.

O Quadro 3 apresenta alguns aspectos relevantes a serem analisados no micronível (LAMBERT E VAN GORP, 2011). O longo trecho no texto fonte contém apenas duas sentenças em nível de linguagem formal, que aparecem nos textos-alvo 1 e 2, assim como no nível sintático. No início do trecho a frase, “*Not a single wall or*

column seemed to be missing from the most ancient buildings”, foi a escolha dos tradutores de texto alvo 1 e 2 para “Nenhuma parede ou coluna parecia faltar às construções mais antigas”. A escolha representa o procedimento técnico estrangeirizador da manutenção de estrutura sintática do texto fonte de Lanzetti et al. (2009). Ambos, estrutura e ordem sintática dos textos alvo 1 e 2, coincidem com a estrutura e ordem sintática o texto fonte. Apesar do número de palavras não ser o mesmo, a ordem estrutural permanece.

Ainda no trecho do Quadro 3 exibem-se as palavras no texto fonte: “praça” e “coreto”. Respectivamente traduzidas nos textos fontes 1 e 2 como: “*square*” e “*bandstand*”. As decisões tradutórias para as palavras que se referem ao espaço da cidade têm relação análoga em seu efeito semântico, em ambas os sistemas, já que “*bandstand*”, de acordo com o *Merriam-Webster’s Dictionary* significa uma plataforma coberta onde bandas ou orquestras apresentam-se ao ar livre. No mesmo sentido, o significado de “coreto” segundo o dicionário *Michaelis*: “tipo de quiosque construído em praça pública, ao ar livre, destinado a apresentações musicais ou teatrais”.

No que se refere a pontuação do trecho, a primeira frase é separada por ponto e vírgula no texto fonte antes de citar os itens referentes às construções antigas. Nos textos-alvo 1 e 2 essa pausa é feita com vírgula, e a escolha dos tradutores resulta em uma pausa menos acentuada na leitura, sendo o que pode ser classificada como uma decisão orientada para o sistema-alvo, de acordo com os postulados de Gideon Toury (2012).

Ainda no mesmo parágrafo do quadro 2, o trecho a seguir exhibe a continuação da caminhada da narradora-protagonista que passeia e detalha a experiência de observação e rememoração. Ao comentar sobre os “irmãos sicilianos” que “costumavam palrear” (HATOUM, 2008, p. 108) pela cidade, constata:

Quadro 4 - Excerto 2

Texto fonte (HATOUM, 2008, p. 108)	Texto alvo 1 (HATOUM, 1994, p. 150)	Texto alvo 2 (HATOUM, 2007, p. 149)
Quem os seguisse durante a perambulação, podia constatar com um certo assombro que eles percorriam caminhos intrincados , passando por ruelas desertas ,	Anyone who followed them as they traipsed around town had to admit to a certain admiration for their intricate route as they wound through deserted alleys, bursting	Anyone who followed them as they walked around town had to admit to a certain admiration for their intricate route as they wound through deserted alleys, bursting

<p>irrompendo em casas em ruínas que rasgavam um quarteirão inteiro, e encontravam-se no fim da rua (e da cidade) diante de um muro de <u>pedras</u> rosadas onde todas as blasfêmias do mundo estavam escritas a cal e carvão.</p>	<p>into abandoned houses that disfigured the whole block, and found themselves at the end of the street (and the city) at a low wall of pinkish <u>rocks</u> where all the curses of the world were inscribed in whitewash and charcoal.</p>	<p>into abandoned houses that disfigured the whole block, and found themselves at the end of the street (and the city) at a low wall of pinkish <u>stones</u> where all the curses of the world were inscribed in whitewash and charcoal.</p>
---	--	---

Fonte: Elaborado pela autora.

O sintagma “caminhos intrincados” do texto fonte é traduzido por “*intricate route*” nos textos alvo 1 e 2. A seguir, “ruelas desertas” chega aos textos fonte 1 e 2 como “*desert alleys*”. O substantivo “*alley*” tem o significado: uma estrada estreita, ou ainda, um caminho entre edifícios, podendo ser traduzido nos sinônimos: “beco, viela, ruela” (CAMBRIDGE DICTIONARY). Os sintagmas em destaque, portanto, têm seu sentido transferido para o texto-alvo, não havendo perda semântica ao referenciar a descrição dos espaços da cidade de Manaus.

As decisões tradutórias de ambos os textos alvo do grifo final do trecho em destaque, podem ser classificadas como procedimentos estrangeirizadores de manutenção do estilo e de estrutura sintática do texto fonte (LANZETTI et al., 2009), quando tanto estrutura, quanto ordem sintática de ambos os textos, fonte e alvo, coincidem, assim como a fluidez estilística.

A revisão realizada no texto alvo 2 altera a tradução de “pedras” no texto fonte. Observa-se que “*rocks*” do texto alvo 1, foi substituído por “*stones*” no texto alvo 2. O CAMBRIDGE DICTIONARY define “*rock*” como a parte sólida e seca da superfície da terra, ou qualquer pedaço grande dela que sobressaia do mar ou do solo. O mesmo dicionário define “*stone*” como uma substância dura e sólida encontrada no solo que é frequentemente usada para construção. De fato, a decisão tradutória do texto alvo 2 na seleção da palavra no micronível proposto por Lambert e Van Gorp (2011), aproxima o leitor do sentido proposto pelo texto fonte ao descrever o “muro de pedras rosadas”, já que se reporta a uma construção, e, dessa maneira, “*stone*” é a decisão lexical adequada conforme Toury (2012) destaca, reproduzindo o registro do texto fonte.

Os próximos passos da jornada da narradora-protagonista conduzem o leitor às mais diversas representações imagéticas da cidade de Manaus. Antes de chegar

à casa de Emilie, a narradora permanece descrevendo as lembranças que surgem no decorrer da caminhada:

Quadro 5 - Excerto 3

Texto fonte (HATOUM, 2008, p. 109)	Texto alvo 1 (HATOUM, 1994, p. 150)	Texto alvo 2 (HATOUM, 2007, p. 149)
Nas árvores, no lago, na ponte e nos caminhos que circundam o espelho d'água, eu sentia falta da silhueta dos animais e do seu alarido inconfundível.	Gazing at the trees, the lake, the bridge, and the paths circling that mirror of water, I missed the darting silhouettes of animals and their unmistakable racket.	Gazing at the trees, the lake, the bridge and the paths circling that mirror of water, I missed the darting silhouettes of animals and their unmistakable racket.

Fonte: Elaborado pela autora.

Observa-se na última sentença do trecho acima, o acréscimo do verbo “to gaze” no particípio presente (*gazing*) que de acordo com o *CAMBRIDGE DICTIONARY* significa: “olhar para algo ou alguém por muito tempo, especialmente com surpresa ou admiração, ou porque você está pensando em outra coisa”. No texto fonte não há o uso do verbo em questão, uma vez que os usos estilísticos da narradora para descrever o momento contribuem para a impressão de contemplação que o verbo “to gaze” exprime. O acréscimo, nesse caso, pode ser considerado um procedimento de domesticação do sistema linguístico denominado reconstrução, de acordo com Lanzetti et al. (2009), quando o tradutor opta por reconstruir a oração “a fim de manter o valor semântico do texto fonte”.

As primeiras memórias da narradora remontam ao episódio da morte da menina Soraya Ângela, e acompanhamos no trecho a seguir, outra descrição do espaço observado pela narradora. Mais uma vez, a cidade de Manaus e os menos prováveis detalhes, trazendo à memória da narradora as experiências vividas na cidade:

Quadro 6 - Excerto 4

Texto fonte (HATOUM, 2008, p. 109)	Texto alvo 1 (HATOUM, 1994, p. 151)	Texto alvo 2 (HATOUM, 2007, p. 150)
[...] sobre as pedras cinzentas que já foram cobertas pelo asfalto [...]	[...] on the gray paving stones now covered by asphalt [...]	[...] onto the grey paving stones now covered by asphalt [...]

Fonte: Elaborado pela autora.

Observa-se no trecho acima que ambos os textos alvo sofrem alteração semântica no contexto apresentado. No texto fonte a narradora descreve as palavras

da empregada a respeito do retorno de Emilie para a casa, e o local por onde ela passaria, com “pedras cinzentas”. Observa-se que “já foram”, respectivamente verbo e advérbio com função modificadora na relação sintática na sentença, significa que as pedras cinzentas foram um dia (pretérito perfeito do indicativo) cobertas pelo asfalto. As escolhas tradutórias dos textos alvo 1 e 2 mudam o sentido apresentado no texto fonte ao escolher traduzir como: “*now covered by asphalt*”, onde “*now*” – advérbio utilizado com o sentido do tempo presente, representado que as pedras estão agora cobertas pelo asfalto, e não o contrário, como representa o texto fonte.

Ainda no mesmo trecho do Quadro 6, observamos a ocorrência da preposição “*on*”. O vocábulo é utilizado quando nos referimos a uma posição ou superfície, enquanto a preposição “*onto*” é usada para falar sobre direção ou movimento para uma posição ou superfície, em que, geralmente, um verbo expressa movimento. (CAMBRIDGE DICTIONARY). No caso em tela, o texto fonte “indica posição acima de, por cima de, em cima de” (AULETE DIGITAL) com o uso do vocábulo “sobre”. Assim, o texto alvo 1, com a preposição “*on*”, apresenta significado mais próximo do proposto pelo texto fonte, considerando que a preposição “*onto*” indica movimento de um lugar para outro.

No parágrafo seguinte, o trecho do Quadro 7 explicita outros procedimentos técnicos utilizados pelos tradutores de *Relato de um certo Oriente* e que atentam a elementos culturais relevantes ao sistema fonte:

Quadro 7 - Excerto 5

Texto fonte (HATOUM, 2008, p. 109)	Texto alvo 1 (HATOUM, 1994, p. 151)	Texto alvo 2 (HATOUM, 2007, p. 150)
Atravessei a ponte metálica sobre o igarapé e penetrei nas ruelas de um bairro desconhecido. Um cheiro acre e muito forte surgiu com as cores espalhafatosas das fachadas de madeira, com a voz cantada dos curumins [...]	As soon as I crossed the metal bridge over the igarapé and entered the narrow streets of an unfamiliar neighborhood , I was met by the gaudy colors of the wooden houses, a strong, acrid smell, and the singsong voices of street kids [...]	As soon as I crossed the metal bridge over the creek and entered the narrow streets of an unfamiliar neighbourhood , I was met by the gaudy colours of the wooden houses, a strong, acrid smell, and the singsong voices of street kids [...]

Fonte: Elaborado pela autora.

O vocábulo “igarapé” possui etimologia tupi²⁴, e pode ser considerado uma marca cultural ecológica, uma vez que, significa “pequeno rio ou canal estreito que só dá passagem a igaras ou pequenos barcos; riacho, ribeirão, ribeiro” (MICHAELIS). O Portal Amazônia²⁵ destaca que “um igarapé é um “curso d’água **amazônico** [...] constituído por um braço longo de rio ou canal. [...] A maioria dos igarapés tem águas escuras semelhantes às do rio Negro, um dos principais afluentes do rio Amazonas (grifo nosso)²⁶”. Verifica-se que o texto alvo 1 optou pela manutenção do vocábulo, não havendo qualquer destaque ou alteração no texto que vise explicar o significado do termo. Esse procedimento estrangeirizador, de acordo com Lanzetti et al. (2009), é denominado manutenção de itens lexicais do texto fonte sem aclimação ortográfica, ou seja, um empréstimo direto. Procedimento técnico diferente é utilizado na revisão do texto alvo 2, em que o item lexical “igarapé” é traduzido por “*creek*”: “uma área estreita de água que flui para a terra do mar, um lago, etc.” (CAMBRIDGE DICTIONARY). Um sinônimo para o substantivo em questão, é “riacho”. Esta decisão adota uma postura que aproxima o texto da cultura de chegada, sendo, portanto, aceitável e orientada para o sistema alvo (TOURY, 2012).

O segundo negrito do Quadro 7 são as traduções de “bairro”. Para além do texto, importa observar os sistemas em que textos alvo 1 e 2 estão inseridos: texto alvo 1 foi traduzido para o público-alvo estadunidense, enquanto texto alvo 2, tem como público-alvo leitores britânicos. Logo, as diferentes grafias nas traduções do vocábulo “bairro”: “*neighborhood*” e “*neighbourhood*” (grifo nosso).

Outro destaque do Quadro 7 é o sintagma “curumim”, também com etimologia tupi, e conforme o dicionário *Michaelis* pode significar: “1. Rapaz jovem; garoto, menino, moleque. 2. Criado jovem; serviçal, servo. 3. Vara de espera do aparelho de pesca do piracuru”. No caso em tela, a palavra faz referência ao primeiro significado, fazendo menção à forma de falar dos meninos. A escolha de “*street kids*” para os

²⁴ “Igarapé - do Tupi Guarani ir-r’apé = caminho d’água. Nascente de ribeirão, riacho”. De acordo com o Dicionário Ilustrado Tupi Guarani disponível em: <<https://www.dicionariotupiguarani.com.br/>> Acesso em 31 jan. 2023.

²⁵ O Portal Amazônia é um “veículo online oficial da Fundação Rede Amazônica (FRAM), braço institucional do Grupo Rede Amazônica (GRAM). Lançado em 5 de julho de 2001, está entre as principais referências sobre o tema Amazônia na internet e trabalha com jornalismo especializado sobre assuntos pertinentes no que diz respeito aos estados da Amazônia Legal e Internacional”. Disponível em: <<https://portalamazonia.com/>> Acesso em 12 fev. 2023.

²⁶ Disponível em: <<https://portalamazonia.com/amazonia-az/igarape>> Acesso em 12 fev. 2023.

textos alvo 1 e 2 pode ser qualificada como um procedimento domesticador de estilo denominado generalização, de acordo com Lanzetti et al. (2009).

Em trecho presente ainda no primeiro capítulo, a narradora faz menção aos curumins no contexto do atropelamento de que resultou na morte de Soraya Ângela:

Quadro 8 - Excerto 6

Texto fonte (HATOUM, 2008, p. 18)	Texto alvo 1 (HATOUM, 1994, p. 17)	Texto alvo 2 (HATOUM, 2007, p. 16)
[...] alguns curumins saltavam por cima da mancha de sangue [...]	[...] a couple of the more daring street kids jumped back and forth over the bloodstain [...]	[...] a couple of the more daring street kids jumped back and forth over the bloodstain [...]

Fonte: Elaborado pela autora.

Nesse caso, o enredo descreve o momento após o acidente que tirou a vida de Soraya Ângela e “a meninada que tentava fisgar as compras de Emilie, espalhadas no chão, bem junto ao corpo da prima” (HATOUM, 2008, p. 18). As escolhas tradutórias nos textos alvo 1 e 2 para “*daring street kids*” aproximam o significado da cultura de chegada, uma vez que curumim é palavra que se designa, de maneira geral, às crianças indígenas²⁷. Mas para além disso, “crianças de ruas ousadas/atrevidas/audazes”, que seria o significado das escolhas tradutórias apresentadas, apresenta elemento cultural relevante de maneira distinta, mas não distante, do primeiro exemplo de curumins, presente no Quadro 7, em que a escolha tradutória foi apenas “*street kids*”.

Retomando os destaques aos elementos referentes ao espaço da cidade no capítulo seis, a narradora declara sentir estranheza ao caminhar sem rumo no local em que nasceu e viveu:

Quadro 9 - Excerto 7

Texto fonte (HATOUM, 2008, p. 110)	Texto alvo 1 (HATOUM, 1994, p. 152)	Texto alvo 2 (HATOUM, 2007, p. 151)
[...] não havia ruas paralelas , o traçado era uma geometria confusa, e o rio , sempre o rio, era o ponto de referência, era a	[...] there were no parallel streets ; the design was a confused geometry, and the river , always the river, was the point of reference, instead of the square and	[...] there were no parallel streets ; the design was a confused geometry, and the river , always the river, was the point of reference, instead of the square and

²⁷ De acordo com o Dicionário Ilustrado Tupi-Guarani. Disponível em: <<https://www.dicionariotupiguarani.com.br/>>. Acesso em: 19 jul. 2022.

praça e a torre da igreja que ali inexistiam.	the church spire of our neighborhood.	the church spire of our neighbourhood.
---	--	---

Fonte: Elaborado pela autora.

Os textos alvo 1 e 2 não apresentam diferenças no trecho em destaque no quadro acima, exceto pela grafia de “*neighborhood*” no inglês americano no texto alvo 1, e “*neighbourhood*” no inglês britânico no texto alvo 2. Os vocábulos: “ruas paralelas”, “o rio”, “praça” e “torre da igreja”, estão traduzidos, respectivamente por: “*parallel streets*”, “*the river*”, “*square*” e “*church spire*”. Todas essas são decisões adequadas, nas lentes de Gideon Toury (2012) que reproduzem o registro semelhantemente ao original.

A caminhada sem rumo da narradora ao longo do sexto capítulo, revela paisagens intrigantes de Manaus, e, antes de culminar no detalhamento dos momentos em torno da morte de Emilie, desvela imagens do “mundo desconhecido, a cidade proibida” da infância. Segue então, pelo “bairro infanticida, povoado de seres de outro mundo, o triste hospício que abriga monstros” (HATOUM, 2008, p. 110), e revela:

Quadro 10 - Excerto 8

Texto fonte (HATOUM, 2008, p. 110)	Texto alvo 1 (HATOUM, 1994, p. 153)	Texto alvo 2 (HATOUM, 2007, p. 152)
[...] decidi retornar ao centro da cidade por outro caminho: queria atravessar o igarapé dentro de uma canoa, ver de longe Manaus emergir do Negro , lentamente a cidade desprender-se do sol [...]	[...] I decided to go back downtown by another route; I wanted to take a canoe from the igarapé out onto the Negro River and watch from a distance as Manaus slowly detached itself from the sun [...]	[...] I decided to go back downtown by another route; I wanted to take a canoe from the creek out onto the river Negro and watch from a distance as Manaus slowly detached itself from the sun [...]

Fonte: Elaborado pela autora.

O trecho no Quadro 10 revela ocorrências que apresentam algumas decisões por parte dos tradutores. A primeira observação refere-se ao sintagma “centro da cidade” que recebe a mesma tradução em ambos os textos alvo: “*downtown*”. A decisão é a usual ao se referir a área central de uma cidade, sendo assim, não apresenta modificação semântica em nenhum dos textos alvo.

Observa-se ainda outra ocorrência do item lexical “igarapé” no texto fonte, apresentado no texto alvo 1, mais uma vez, com o empréstimo direto, sem

aclimatação, procedimento proposto por Lanzetti et al. (2009), ao destacar os procedimentos estrangeirizantes. Nessa via, o texto alvo 2 mantém a decisão da ocorrência do termo presente no trecho do Quadro 7.

Ainda no Quadro 10, a última observação é para “Negro” no texto fonte, que faz referência ao rio da cidade de Manaus. No texto alvo 1 a decisão do tradutor foi para “*Negro River*” – destaque para o uso da letra maiúscula –, enquanto no texto alvo 2 a escolha foi por “*river Negro*”. Os tradutores decidem acrescentar ao texto alvo a informação que não está expressa no texto fonte, assim, fazem uso do procedimento domesticador do estilo nomeado por Lanzetti et al. (2009) como explicitação, estratégia que, nesse caso, auxilia o leitor a compreender elemento cultural relevante, que está subentendido no texto fonte.

A jornada da narradora personagem envolve o leitor e o conduz aos diferentes caminhos de Manaus, e cada detalhe parece ser material para a narrativa que constrói. O trecho a seguir apresenta outras duas ocorrências que remetem à proposta dessa análise:

Quadro 11 - Excerto 9

Texto fonte (HATOUM, 2008, p. 114)	Texto alvo 1 (HATOUM, 1994, p. 158)	Texto alvo 2 (HATOUM, 2007, p. 157)
Aquele estardalhaço andante infiltrava-se nas vielas formadas entre as barracas, meandros móveis, construídos, refeitos, alterados e destruídos a cada hora com o surgimento de novas tendas fixas ou ambulantes [...] tal um formigueiro alastrando-se na praça. A multidão passou entre as ruelas [...].	This wandering uproar filtered through the narrow paths between market stalls – passageways that moved and changed, created and destroyed and modified by the hour with the appearance of new booths, permanent or roving [...] like an ant colony spreading out across the square. The crowd blundered on through the tight streets [...].	The uproar spread, filtering through the narrow paths between market stalls – passageways that moved and changed, created, destroyed, and modified by the hour with the appearance of new booths, permanent or roving [...] like an ant colony spreading out across the square. The crowd blundered on through the tight streets [...].

Fonte: Elaborado pela autora.

De acordo com o dicionário *Michaelis* “viela” é “rua ou travessa estreita; beco, quelha”, que se aproxima do significado das escolhas tradutórias nos textos alvo 1 e 2. Em vez de fazer uso de um substantivo no plural, as traduções apresentam um

adjetivo (*narrow*) e um substantivo no plural (*paths*). O mesmo efeito ocorre no final do trecho nas escolhas tradutórias “*tight streets*” para “ruelas”. A decisão é aceitável (TOURY, 2012) uma vez que assume as normas linguísticas do sistema de chegada.

Na mesma via da aplicação de estratégias domesticadoras, o exemplo a seguir evidencia o vocábulo “cidade ilhada”, pertencente ao léxico do espaço da cidade proposto nessa análise. A cidade ilhada que a narradora faz menção, é Manaus, e o termo alcança os respectivos sistemas alvo como “*isolated city*”, que denota o mesmo efeito semântico do texto fonte: cidade isolada. A escolha do adjetivo “*isolated*” caracteriza o procedimento tradutório domesticador do sistema linguístico intitulado sinonímia, estratégia utilizada quando “o tradutor traduz um elemento lexical do texto fonte por um sinônimo na língua-alvo” (LANZETTI et al., 2009, p. 10):

Quadro 12 - Excerto 10

Texto fonte (HATOUM, 2008, p. 120)	Texto alvo 1 (HATOUM, 1994, p. 166)	Texto alvo 2 (HATOUM, 2007, p. 165)
[...] esse morador-asceta de uma cidade ilhada [...]	[...] an ascetic inhabitant of an isolated city [...]	[...] an ascetic inhabitant of an isolated city [...]

Fonte: Elaborado pela autora.

Além das referências aos espaços públicos e geográficos da cidade de Manaus, ao longo do capítulo seis, há sete ocorrências da palavra ‘sobrado’, que de acordo com o dicionário (AULETE DIGITAL), o substantivo masculino pode significar: 1. andar de cima de uma casa de dois andares; 2. casa de dois ou mais pavimentos; 3. Casa-grande, casa do senhor-de-engenho; 4. pavimento composto ger. com madeira. O sobrado mencionado pela narradora-protagonista é a residência de Emilie e família. Em outros momentos do romance, no texto fonte, os personagens referem-se ao local como “casa nova” “realmente imensa” (HATOUM, 2008). Nesse sentido, as ocorrências de “sobrado” no quadro a seguir, fazem menção à residência de Emilie, e enquadra-se no significado dois do dicionário. Os quadros a seguir apresentam as ocorrências de “sobrado” ao longo do capítulo seis:

Quadro 13 - Ocorrências de “sobrado” no capítulo seis - parte 1

Texto fonte (HATOUM, 2008, p. 109)	Texto alvo 1 (HATOUM, 1994, p. 151)	Texto alvo 2 (HATOUM, 2007, p. 150)
[...] e retornar ao sobrado à hora do almoço.	[...] and return to the house at lunchtime.	[...] and return to the house at lunchtime.

Texto fonte (HATOUM, 2008, p. 122)	Texto alvo 1 (HATOUM, 1994, p. 169)	Texto alvo 2 (HATOUM, 2007, p. 168)
Quando o último filho deixou o sobrado [...]	Once the last of the children had moved out [...]	Once the last of the children had moved out [...]
Texto fonte (HATOUM, 2008, p. 123)	Texto alvo 1 (HATOUM, 1994, p. 171)	Texto alvo 2 (HATOUM, 2007, p. 170)
Hindié sempre levava dentro do corpete o rosário de contas e as chaves do sobrado .	Hindié always carried her rosary beads and the keys to the house tucked inside her corset.	Hindié always carried her rosary beads and the keys to the house tucked inside her corset.
Texto fonte (HATOUM, 2008, p. 125)	Texto alvo 1 (HATOUM, 1994, p. 173)	Texto alvo 2 (HATOUM, 2007, p. 172)
[...] o telefone do sobrado tocou sem cessar [...]	[...] the telephone rang off the hook [...]	[...] the telephone kept on ringing [...]
Texto fonte (HATOUM, 2008, p. 126)	Texto alvo 1 (HATOUM, 1994, p. 174)	Texto alvo 2 (HATOUM, 2007, p. 173)
[...] além de conhecer a intimidade da vida cotidiana do sobrado [...]	[...] maybe the only one intimately familiar with daily life at the house [...]	[...] maybe the only one intimately familiar with daily life in the house [...]

Fonte: Elaborado pela autora.

Observa-se que as ocorrências que não escolheram “*house*” para a tradução de “sobrado” nos textos alvo 1 e 2, optaram pelo apagamento do termo, sendo esse um procedimento domesticador de estilo classificado como omissão, em que o tradutor “decide não traduzir para o texto-alvo algum item lexical ou estrutura do texto fonte” (LANZETTI et al., 2009, p. 11).

Além desses, o quadro abaixo apresenta outras duas ocorrências de “sobrado” no capítulo seis que foram traduzidas de maneira distinta por cada um dos textos alvo. No texto fonte o vocábulo “sobrado” possui o mesmo significado nas duas ocorrências, ou seja, referem-se à casa de Emilie, “o espaço inconfundível” da infância da narradora-personagem, que carrega força semântica relevante:

Quadro 14 - Ocorrências de “sobrado” no capítulo seis - parte 2

Texto fonte (HATOUM, 2008, p. 121)	Texto alvo 1 (HATOUM, 1994, p. 168)	Texto alvo 2 (HATOUM, 2007, p. 16)
[...] afastar-me do sobrado naquele instante ou suprimir da caminhada o espaço inconfundível da	[...] to stay away from homestead that much longer, or to avoid as much as possible the	[...] to stay away from the family house that much longer, or to avoid as much as possible the

<p>nossa infância. Por isso, quase sem perceber tinha dado uma volta pelas ruas do centro, quando na verdade podia ter encurtado o percurso, atalhando por uma rua que liga a igreja ao sobrado. [...] nas calçadas e na entrada da casa [...].</p>	<p>unmistakable terrain of our childhood. I suppose that's why, almost without noticing, I had strolled through downtown, when I could have shortened my route considerably by cutting through the street between the church and the house. [...] the sidewalks and the entrance to the house [...].</p>	<p>unmistakable terrain of our childhood. I suppose that's why, almost without noticing, I had strolled through the city centre, when I could have shortened my route considerably by cutting through the street between the church and the house. [...] the pavements and the entrance to the house [...].</p>
--	---	--

Fonte: Elaborado pela autora.

Observamos que na primeira ocorrência do Quadro 14, o texto alvo 1 apresenta “*homestead*” como escolha tradutória para “sobrado”. A decisão do texto alvo 1 é, de acordo com *Merriam-Webster’s Dictionary*, sinônimo de “*house*” e significa “a casa e terreno adjacente ocupado por uma família”. Nesse sentido, a escolha afasta o texto alvo 1 do texto fonte, pois o “sobrado” em questão é a casa de dois pavimentos de Emilie que foi palco de muitas histórias envolvendo os membros da família. Na mesma ocorrência, no texto alvo 2, a decisão da revisão foi por “*family house*”, o que representa uma escolha que aproxima o significado do sistema alvo. Tais decisões são procedimentos de domesticação do sistema linguístico intitulados sinonímia (LANZETTI et al., 2009), “utilizada quando o tradutor traduz um elemento lexical do texto fonte por um sinônimo na língua-alvo”.

A segunda ocorrência de “sobrado” foi traduzida em ambos os textos alvo como “*house*”, e, novamente, a sinonímia é o procedimento utilizado na tradução que, de acordo com Toury (2012), neste caso, é orientada para o sistema alvo e considerada aceitável.

Importante destacar que “sobrado” é vocábulo com vinte e seis ocorrências em todo o texto fonte ao fazer referência à casa da família e muitos momentos significativos compartilhados no espaço. Assim, ao longo do romance a referência torna-se simbólica, o que representa valor semântico distinto e constrói um fio narrativo coerente ao local em que muitos dos relatos transcorrem.

Ainda no Quadro 14, observamos ocorrência similar à discutida no Quadro 10. O substantivo masculino “centro” exprime o significado “ponto central de uma cidade que reúne instituições comerciais, financeiras, culturais etc.” (MICHAELIS) no texto

fonte, e foi traduzido no texto alvo 1 como “*downtown*” e revisado no texto alvo 2 para “*the city centre*”. As decisões tradutórias no exemplo em tela representam as culturas alvo – apesar do sistema linguístico ser o mesmo, o sistema alvo 1 é os Estados Unidos da América, e o sistema alvo 2 é o Reino Unido, e diferentes sistemas implicam em suas próprias inter-relações.

O final do trecho do Quadro 14 apresenta outra referência ao espaço da cidade: “calçadas”. O substantivo feminino refere-se ao “caminho ou passeio empedrado, atijolado ou cimentado para trânsito de pedestres e geralmente ao longo das casas” (MICHAELIS). A palavra chegou nos sistemas alvos 1 e 2 de maneira distinta: “*sidewalks*” e “*pavements*”. De acordo com o *Cambridge Dictionary* ambas as palavras são sinônimos nas traduções para o português “calçada”. Novamente, o procedimento domesticado do sistema linguístico de sinonímia (LANZETTI et al., 2009) sendo utilizado pelos tradutores de *Relato de um certo Oriente*.

Este último quadro é um recorte que exemplifica os resultados encontrados ao longo da análise dos elementos culturais do espaço da cidade no capítulo selecionado. A conclusão se dá, pois vemos decisões que culminam em uma tradução que facilita a leitura para os sistemas culturais alvo. Observou-se no texto, ainda, que o mesmo parágrafo, às vezes, apresenta tanto decisões consideradas aceitáveis, quanto decisões consideradas adequadas na perspectiva de Toury (2012). Na mesma via, também se constataram procedimentos estrangeirizadores e domesticadores preconizados por Lanzetti et al. (2009) e que apresentaram mudanças que culminaram em alterações relevantes nos efeitos de sentido.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho de um tradutor, bem como os processos que envolvem o fazer tradutório, são elementos indispensáveis para o intercâmbio de conhecimento. E em termos culturais, o dinamismo dos sistemas e suas estruturas não podem ser ignorados no trabalho tradutório. Os elementos culturais, certamente, apresentam diversos desafios para qualquer tradutor, e o caminho a ser escolhido, juntamente com as estratégias e decisões a serem tomadas, culminarão em um processo que pode trazer diferentes resultados. Outrossim, não se pode ignorar que os sistemas envolvidos são dinâmicos e complexos, e dessa maneira, não há como se obter uma conclusão estática. O multicultural também é complexo, uma vez que está representado não apenas quando se fala de raça, mas também na fala, nas roupas, nos lugares, nas relações, entre tantas outras formas possíveis de expressão. O multicultural é espaço de muitas vozes e que podem ser “vistas” e discutidas por diferentes perspectivas. Esse trabalho propôs-se a discutir a perspectiva espacial da representação cultural levada por meio da tradução.

O objetivo geral desta pesquisa, portanto, compreendia analisar as mediações culturais realizadas pelos tradutores para o inglês de *Relato de um certo Oriente*, através da perspectiva polissistemática, aproximando os Estudos Culturais dos Estudos da Tradução. Para tanto, a seção dois foi relevante para se atingir o primeiro objetivo específico deste trabalho e abrir caminho para as discussões propostas. Olhar para um romance como *Relato de um certo Oriente* é olhar para muitas representações. Nesse sentido, as subseções em questão apresentaram e discutiram as possíveis aproximações entre autor e obra, além de trazer perspectivas possíveis de análise no campo do narrador e da identidade.

A terceira seção aproximou os campos dos Estudos da Tradução e dos Estudos Culturais, trazendo luz à recepção dos textos traduzidos - *The tree of the Seventh Heaven* e *Tale of a Certain Orient*. A perspectiva sistemática foi basilar nas observações que também trouxeram elementos da tradução cultural, que ajudaram a compreender o terreno sinuoso da cultura, especialmente na contemporaneidade, em que desafios multi e interculturais ocupam cada vez mais espaço.

A seção quatro abre o caminho para a discussão da internacionalização da literatura brasileira, que é o eixo desta pesquisa, que discute o olhar do Outro, nesse

caso os tradutores, para a literatura produzida no Brasil. A seção ainda apresenta uma análise tradutória descritivista embasada nas contribuições teóricas de Toury (2012), Lawrence Venuti (2019), Lambert e Van Gorp (2006) e Lanzetti et al. (2009).

Na análise dos elementos culturais referente ao espaço da cidade no capítulo seis de *Relato de um certo Oriente*, vemos na maior parte das decisões tomadas pelos tradutores – Ellen Watson e John Gledson – a postura de aproximar o texto ao sistema alvo, culminando em uma facilitação para o leitor do sistema receptor. Observou-se que diversos procedimentos estrangeirizadores, que fazem a manutenção das relações textuais também foram utilizados. No entanto, majoritariamente, os procedimentos domesticadores foram empregados e culminaram em mudanças ou apagamentos relevantes de efeito de sentido, com destaque aos exemplos presentes nos quadros 13 e 14 na seção anterior. Algumas marcas culturais não receberam quaisquer explicações para o público-alvo dos polissistemas distintos do texto fonte, como os apresentados nos quadros 7, 8, 10 e 12. Constatou-se ainda, considerando o eixo lexical aqui analisado, que o texto alvo 2 sofreu alterações pontuais – em relação ao texto alvo 1 – em vocábulos que sofreram relevante apagamento ou modificação de sentido no texto alvo 1. Outro componente que exemplifica a domesticação do texto para o seu sistema alvo, e que impacta a experiência da leitura, é a inclusão dos títulos nos capítulos, que não ocorre no texto fonte.

Assim, de modo geral, os dois tradutores tomaram decisões, em sua maioria, que domesticaram os textos, afastando a compreensão de marcas culturais relevantes, o que leva a reflexão do papel da tradução na construção das representações culturais. Nesse sentido, a tradução de Ellen Watson não apresenta notas de rodapé, glossário ou qualquer marca que auxilie o leitor na compreensão desses elementos. Enquanto a tradução de John Gledson inclui um glossário com algumas explicações.

A proposta sistemática afasta o difícil debate referente à fidelidade ou equivalência, no entanto, levanta a reflexão do papel da tradução no contexto em que está inserida, conforme discutido por Bassnett (2005) a respeito da teoria do polissistema. As questões possíveis de serem debatidas após os resultados aqui apresentados, envolvem a reflexão sobre esses textos traduzidos. Seria o texto traduzido por Ellen Watson “conservador” ou “periférico” por apresentar decisões majoritariamente domesticadoras? Ocuparia a tradução de John Gledson o status de

“inovadora” ou “central” por apresentar um glossário e modificar a escolha tradutória na revisão de alguns elementos culturais? Quais seriam os fatores que poderiam afirmar ou negar as respostas à essas reflexões?

Nessa esfera, Venuti (2019) argumenta a respeito da tarefa que a tradução desempenha é justamente a de transformar o texto estrangeiro em algo inteligível para o sistema receptor. Esse poder culmina, portanto, no ambíguo e complexo processo de formação de uma representação, ou ainda, de uma identidade cultural.

Por meio da análise aqui construída, observou-se a contribuição dos tradutores na construção do relato de Milton Hatoum, que apresentaram as diferentes relações entre os sistemas literários e culturais envolvidos. Viu-se, por exemplo, que John Gledson – tradutor do texto alvo 2 – optou por uma tradução diferente da de Ellen Watson – tradutora do texto alvo 1 – para “sobrado”, conforme detalhado no Quadro 14. Apesar de ambas as traduções estarem voltadas para o sistema alvo, o efeito de sentido é particular para cada sistema.

Por fim, considera-se que esta pesquisa contribuiu para os Estudos da Tradução, bem como para a circulação da literatura brasileira, ao apresentar uma perspectiva de análise do olhar do Outro, nesse caso os tradutores Ellen Watson e John Gledson, a respeito do texto de Milton Hatoum.

REFERÊNCIAS

AGRA, Klondy. **A Teoria Pós-Colonial na Tradução**: Caminhos à descolonização através da arte e educação. Biblioteca on-line de ciências da comunicação: 2013. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/agra-klondy-2013-teoria-pos-colonial-pos-traducao.pdf>> Acesso em: 23 jul. 2022.

AUBERT, Francis Henrik. Indagações acerca dos marcadores culturais na tradução. **Revista de estudos orientais**, n. 5, p. 23-36, 2006. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5011929/mod_resource/content/1/aubert%200-%20marcadores%20culturais.pdf>. Acesso em 30 abr. 2023.

AULETE DIGITAL. **Dicionário Caldas Aulete**: O dicionário da língua portuguesa na internet. Lexicon Editora Digital. Disponível em: <<https://aulete.com.br>>. Acesso em 03 fev. 2023.

BAKER, Mona. **In other words**: a coursebook on translation. Londres: Routledge, 1992

BASSNETT, Susan. **Estudos da Tradução**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.

_____. The Translation Turn in Cultural Studies. In: _____; Lefevere, André. **Constructing Cultures**: Essays on Literary Translation. Multilingual Matter Ld, 1998. p. 123-140.

BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas**. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. 8ª edição. Trad. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BERMAN, Antoine. **A tradução e a letra ou o albergue do longínquo**. Tradutores Marie-Hélène Catherine Torres, Mauri Furlan, Andreia Guerini. 1 ed. Rio de Janeiro: 7Letras/PGET, 2007.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BOJIĆ, Majda. Memória cultural e identidade em Milton Hatoum. **Studia Romanica et Anglica Zagrabienis**: Revue publiée par les Sections romane, italienne et anglaise de la Faculté des Lettres de l'Université de Zagreb, v. 60, p. 145-163, 2015. Disponível em: <<https://hrcak.srce.hr/file/248224>> Acesso em 17 maio 2022.

BURGUÊS, Simone de Souza. **Recepção e representação de aspectos culturais em Milton Hatoum**, via tradução. 2014. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Maringá. Disponível em: <<http://repositorio.uem.br:8080/jspui/handle/1/4286> >. Acesso em 22 dez. 2022.

BURNS, Erik. Brazilian novel The Tree of the Seventh Heaven by Milton Hatoum. **The New York Times**. May 15, 1994. p.20. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/1994/05/15/books/in-short-fiction-072303.html?searchResultPosition=4>> Acesso em 23 ago. 2022.

CAMBRIDGE UNIVERSITY PRESS. **Cambridge Dictionary**. Disponível em: <<https://dictionary.cambridge.org/pt/>>. Acesso em 21 jan. 2023.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2019.

_____. **Formação da literatura brasileira**. 4.ed. São Paulo: Martins, 1975.

COMPAGNON, Antoine. **Literatura para quê?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

CORRÊA, Paulo Maués. Considerações sobre o Relato de um certo Oriente, de Milton Hatoum. **MOARA**, Belém, n. 27, p. 76-95, jan./jun., 2007. Disponível em: <<https://periodicos.ufpa.br/index.php/moara/article/viewFile/3336/3325>>. Acesso em: 22 jan. 2022.

COSTA, Andrea Moraes da. **John Gledson reescreve Milton Hatoum: a teoria e a experiência da tradução cultural**. 2016. 187 f. Tese. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 2016. Disponível em: <http://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/138054/costa_am_dr_sjrp.pdf?sequence=> Acesso em: 28 mar. 2022.

CREIGHTON, Al. **Milton Hatoum’s multicultural Amazon**. Stabroek News. 2009. Disponível em: <<https://www.stabroeknews.com/2009/05/17/sunday/arts-on-sunday/al-creightons-arts-on-sunday-6/>> Acesso em 29 mar. 2022.

DE OLIVEIRA, U. P. O polissistema literário identificado por Even-Zohar. **Organon**. Porto Alegre, v. 10, n. 24, 2012. DOI: 10.22456/2238-8915.38425. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/38425> >. Acesso em: 17 fev. 2023.

EVEN-ZOHAR, Itamar. Polysystem Studies. **Poetics today**. v. 11, n. 1, 1990, p.10-27. Disponível em: <https://www.tau.ac.il/~itamarez/works/books/Even-Zohar_1990--Polysystem%20studies.pdf> Acesso em: 21 jan. 2023.

_____. Teoria dos polissistemas. **Revista Translation 4**. Tradução Luis Fernando Marozo; Carlos Rizzon & Yanna Karlla Cunha. Tel Aviv: Universidade de Tel Aviv, p. 2-21, 2013.

FORSTER, Edward Morgan. **Aspectos do romance**. Org.: Oliver Stallybrass. Tradução Sérgio Alcides. São Paulo: Globo, 2005.

GONÇALVES, D. de O.; GAMA, M. Milton Hatoum e a ficção brasileira contemporânea. **Raído**, [S. l.], v. 14, n. 34, p. 77-88, 2020. DOI: 10.30612/raido.v14i34.10979. Disponível em: <<https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/Raído/article/view/10979>>. Acesso em: 14 maio 2022.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. SILVA, T. T. da; HALL, S.; WOODWARD, K. (Org.). 9. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

HANANIA, Aida Rameza. Entrevista–Milton Hatoum. **Revista Collatio–Estudos**, 2001.

HATOUM, Milton. **Relato de um certo Oriente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

_____. **Tale of a Certain Orient**. London: Bloomsbury, 2007.

_____. **The tree of seventh heaven**. New York: Atheneum, 1994.

INGENSCHAY, Dieter. Between the Boom and the Arabesque. ‘Hemispheric Writing’ in Juan Goytisolo’s Paisajes después de la batalla and Milton Hatoum’s Relato de um certo Oriente. In: ETTE, O.; PANNEWICK, F. (Org.). **ArabAmericas**. Literary entanglements of the American hemisphere and the Arab world. Madri: Iberoamericana, 2006. p. 165-187. Disponível em: <https://publications.iai.spk-berlin.de/servlets/MCRFileNodeServlet/Document_derivate_00000098/BIA%20110%20ArabAmericas.pdf#page=189>. Acesso em 06 maio 2022.

JAGGI, Maya. **Out of Amazonia**. The Guardian. 2008. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/books/2008/nov/15/ashes-of-the-amazon-milton-hatoum>>. Acesso em 28 mar. 2022.

JURDI, Erika. **Representations of Labour, Race, and Orientalism in Tale of a Certain Orient and Blackbodying**. Department of Modern Languages and Literatures. University of Ottawa, Canada, 2020. Disponível em: <https://ruor.uottawa.ca/bitstream/10393/41159/1/Jurdi_Erika_2020_researchpaper.pdf>. Acesso em: 08 abr. 2022.

LANZETTI, Rafael; BESSA, Danielle; GUEDES, Fabiana; DE FREITAS, Rosana e DE MOURA, Vinicius Cruz. Procedimentos técnicos de tradução – Uma proposta de reformulação. **Revista do ISAT** nº 7, São Gonçalo: 2009.

LEFEVERE, André. **Tradução, reescrita e manipulação da fama literária**. Tradução Cláudia Matos Seligmann. Bauru: Edusc, 2007.

LITTRELL, Betsy. Interview with Ellen Doré Watson. **Poetry International Online**. 2019. Disponível em: <<https://www.poetryinternationalonline.com/interview-with-ellen-dore-watson/>> Acesso em 22 ago. 2022.

MADEIRA, Carlos Eduardo Louzada. **Relato de uma certa identidade: o Amazonas de Milton Hatoum**. Darandina Revista eletrônica – Programa de Pós-Graduação em Letras/UFJF, v.10, n.1, jun. 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.34019/1983-8379.2017.v10.28252>> Acesso em 11 jan. 2022.

MERRIAM-WEBSTER. **Merriam-Webster's Dictionary**. An Encyclopædia Britannica Company. Disponível em: <<https://www.merriam-webster.com>> Acesso em 22 dez. 2022.

MICHAELIS. **Dicionário online Brasileiro de Língua Portuguesa**. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/>>. Acesso em 15 jan. 2023.

MICHAELIS. **Dicionário online Moderno de Inglês**. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno-ingles/>>. Acesso em 15 jan. 2023.

MOSS, Chris. The books you need to pack for a South American cruise. **The Telegraph**. 2019. Disponível em: <<https://www.telegraph.co.uk/travel/cruises/articles/voracious-reader-novels-non-fiction-books-south-america-cruise/>> Acesso em 22 ago. 2022.

PAGANINE, Caroline. Tradução comentada: o gótico e a cadeia de significantes. **Belas Infiéis**, v. 2, n. 1, p. 251-264, 2013. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/belasinfiéis/article/view/11235/9884>> Acesso em 15 set. 2022.

PINTO, Manuel da Costa Pinto. **Crítica/ “A cidade ilhada”**. São Paulo: Folha de São Paulo, 2009. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1402200909.htm>> Acesso em 05 mar. 2022.

PINTO-BAILEY, Cristina Ferreira. A INTERNACIONALIZAÇÃO DA LITERATURA BRASILEIRA: TRADUÇÃO, POLÍTICA E PERCEPÇÃO CULTURAL. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, v. 21, n. 37, p. 15-23, 2019.

PYM, Anthony et al. Exploring Translation Theories. **Cadernos de Tradução**, v. 36, p. 214-268, 2016. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ct/a/Q7mhwsCVM3kK46ktxfjdhCN/#>> Acesso em: 07 jan. 2023.

ROBINSON, Douglas. **Construindo o tradutor**. Tradução de Jussara Simões. Bauru: EDUSC, 2002.

RODRIGUES, Cecília. Internacionalização da literatura brasileira e o caso de Milton Hatoum. **Brújula**. Enfoques. v. 10. 2015. Disponível em: <http://brujula.ucdavis.edu/uploads/8/1/9/3/81930408/rodrigues_enfoques.pdf> Acesso em 24 ago. 2022.

ROGERS, Charlotte. **Mourning El Dorado: Literature and Extractivism in the Contemporary American Tropics**. University of Virginia Press: 2019.

ROHTER, Larry. Amazon Books, but Not What You Think. **The New York Times**. 2007. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2007/09/24/books/24amaz.html?searchResultPosition=11>> Acesso em 24 ago. 2022.

RUFFINI, Mirian. **A tradução da obra de Oscar Wilde para o português brasileiro: paratexto e O retrato de Dorian Gray**. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/135503>> Acesso em 20 out. 2022.

SILVA, Joanna da. **Panorama da produção literária de Milton Hatoum e de sua recepção, em homenagem aos vinte anos de Relato de um certo Oriente**. Somanlu, ano 10, n. 1, jan./jun. 2010. Disponível em: <<https://www.periodicos.ufam.edu.br/index.php/somanlu/article/view/477>> Acesso em: 04 jan. 2022.

_____. **Relações de gênero no romance de Milton Hatoum**. 2011. Dissertação (Mestrado em Teoria literária e crítica da cultura) – Universidade Federal de São João Del-Rei, São João Del-Rei, 2011. Disponível em: <https://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/mestletras/DISSERTACOES_2/relacoes_de_genero_no_romance_d_e_milton_hatoum.pdf>. Acesso em: 06 jan. 2022.

SCRAMIM, Susana. *A Cidade Ilhada* – Narrativa e sociedade latino-americanas em ruínas. In: **O futuro pelo retrovisor: inquietudes da literatura brasileira contemporânea**. CHIARELLI, S.; DEALTRY, G.; VIDAL, P. (Org.). Rio de Janeiro: Rocco, 2013.

STELLA, Marcello Giovanni Pocai. Milton Hatoum: um clássico contemporâneo. **Tempo Social**. [S. l.], v. 33, n. 1, p. 267-285, 2021. DOI: 10.11606/0103-2070.ts.2021.160095. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/ts/article/view/160095>>. Acesso em: 1 abr. 2022.

THOMPSON, Laura. Ashes of the Amazon. **The Telegraph**. 2008. Disponível em: <<https://www.telegraph.co.uk/culture/books/bookreviews/3563691/Ashes-of-the-Amazon-by-Milton-Hatoum.html>> Acesso em 22 ago. 2022.

TOLEDO, Marleine Paula Marcondes e Ferreira de. **Milton Hatoum: itinerário para um certo relato**. São Pulo: Ateliê Editorial, 2006.

TORRES, Marie-Hélène Catherine. **Traduzir o Brasil literário: história e crítica**, Ed. Copiart. Florianópolis: PGET/UFSC, 2014.

TOURY, Gideon. **Descriptive Translation Studies and Beyond**. Revised Edition. Philadelphia: John Benjamin Publishings, 2012.

TYMOCZKO, Maria. Ideologia e a posição do tradutor: em que sentido o tradutor se situa no “entre”(lugar)? In: **Tradução e relações de poder**. Org.: Lume, Rosvitha Friesen; Peterle, Patricia. Florianópolis: Copiart, 2013, p. 115-148.

_____. Post-colonial writing and literary translation. In: BASSNETT, Susan; HARISH, Trivedi. **Post-colonial translation: theory & practice**. Taylor & Francis e-Library. 2002.

VENUTI, Lawrence. **Escândalos da tradução**: por uma ética da diferença. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

_____. **The Translator's Invisibility**: A History of Translation. London: Routledge, 2004.

ANEXOS

ANEXO A

Glossário de *Tale of a Certain Orient*

Glossary

Alcobaça: a Cistercian monastery in Portugal, one of the largest in the country and an important place of pilgrimage.

andira: name given to various trees of the Leguminosa family.

araticum: name given to several trees of the Anonacea family, which have light woods and edible fruit.

baklava: a Turkish/Greek dessert made of filo pastry layered with nuts, with honey or syrup poured over it.

benzoin: a fragrant resin from an East Asian tree of the genus *Styrax*.

biribá: fruit of a tree of the Anonacea family, related to the custard-apple or cherimoya.

cachaça: cheap and very strong liquor distilled from sugar-cane juice.

caladium: a tropical American plant, with white, green, red or pink variegated leaves, widely used as a pot plant.

crajiru: one of the most popular medicinal herbs in the Amazon area. The infusion made with its leaves is used to cure colic and stomach ache. The liquid from its boiled leaves is used to treat muscle pain, swelling and to speed the healing of wounds.

cupuaçu: Amazonian tree (*Theobroma grandiflorum*), whose fruit is a large velvety capsule like a cocoa-bean, with a white pulp and a large number of seeds. The seeds make a kind of chocolate; the pulp is used for drinks and sweets.

esfiha: an Arabic pastry containing ground meat, similar to Indian samosas.

genipap: edible reddish-brown fruit of the *genipap* tree, resembling an orange and used in preserves and drinks.

graviola: fruit of a tree of the Anonacea family, an elongated variant of the custard-apple family.

horchata: a cooling drink made from tiger nuts, sometimes known in English as orgeat.

itaúba: an Amazonian tree of the laurel family (*Mezilaurus itauba*), with a heavy, hard, light brown wood much used in construction.

jabiru: a large tropical stork (*Jabiru mycteria*) with white plumage and a naked head.

jacareúba: tree widely distributed throughout Brazil (*Calophyllum brasiliense*), with white flowers.

jaguaririca: a spotted leopard-cat (*Leopardus brasiliense*), resembling a small leopard, widely distributed throughout South and Central America.

jambo: a tree of Asian origin (*Eugenia jambos*), with red flowers and small pink pear-shaped fruit, known in English as rose apple.

kapok tree: a tree (*Ceiba pentandra*) whose fruit yields a fine cotton-like material, used for stuffing toys, cushions, etc.

locoum: the sweet usually known in English as Turkish delight.

Nheengatu: a language of indigenous, Tupi origin, though with European influence, also known as *língua geral* (general language), and much used as a lingua franca in the Brazilian past, and in the Amazonian region.

paricarana: a widely distributed climbing plant of the Leguminosa family (*Acacia riparia*).

pitomba: the small, red fruit of a bush of the Sapindaceae family (*Talisia esculenta*).

sapodilla: a Central and South American tree whose sap is used to produce chicle, and with a brown fruit with sweet yellowish pulp.

sapupira: name given to a group of trees of the Leguminosa family (*Bowdichia*) characteristic of the dense rain-forest, with hard wood used in construction.

Stubb: the 'odd second mate' in Melville's *Moby Dick* (1851).

tabule: an Arabic dish, sometimes known in English as tabbouleh. It is a salad made of roughly ground wheat, coriander and chopped onions and tomatoes, mixed with olive oil and lemon juice.

zatar: a herb (*Thymus vulgaris*) similar to oregano, much used in the Mediterranean, and known in English as garden thyme.